

Congresso de
**PSICOLOGIA
ANALÍTICA
DO PARANÁ**
da pesquisa à
prática

ANAIS

PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO
MESTRADO
PSICOLOGIAUFPR



FAE
60 ANOS

**Anais do Congresso de Psicologia Analítica
do Paraná**

Congresso de Psicologia Analítica do Paraná (1. : 2018: Curitiba, PR).

Anais Congresso de Psicologia Analítica do Paraná, 27 e 28 de outubro de 2017
– Curitiba, FAE Centro Universitário e Universidade Federal do Paraná,
Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná.
2017.

Edição Eletrônica

ISBN - 978-85-99229-46-0

1. Psicologia 2. Psicologia Analítica 3. Pesquisa. Paraná.

FAE Centro Universitário
UFPR – SCHLA
Programa de Pós-graduação em Psicologia da
Universidade Federal do Paraná

Anais do Congresso de Psicologia Analítica do Paraná

Curitiba, Brasil
2018

Carlos Augusto Serbena
Jessica Caroline dos Santos
Maria do Desterro Figueiredo
(Editores)
UFPR – SCHLA

©2017 Curso de Psicologia/FAE Centro Universitário & Programa de Pós-Graduação em Psicologia / HL / UFPR

É permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.
Edição Eletrônica

Curso de Psicologia
FAE Centro Universitário

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Prof.^a Dr.^a Alessandra Sant'Anna Bianchi

Suplente da Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Prof. Dr. Carlos Augusto Serbena

Produção, distribuição
informações:

Programa de Pós-Graduação
em Psicologia (HL/UFPR)
Brasil
e-mail: pgpsicologia@ufpr.br
Home page:
<http://www.humanas.ufpr.br/portal/psicologiamestrado/>

Coordenação, edição: e supervisão do evento
Prof. Dr. Carlos Augusto Serbena (UFPR)
Prof. Dr. Jairo Ferrandin (FAE)
Prof.^a Msc. Maria do Desterro Figueiredo (FAE)
Prof.^a Msc. Jéssica Caroline dos Santos (UniBrasil)

Local do evento:
Auditório - FAE Centro Universitário
Rua 24 de Maio, 135 - Centro - Curitiba - PR Curitiba – PR
Curitiba-PR

Ressalva: Os resumos aqui exibidos foram publicados na íntegra e não passaram por revisão, já que os textos são de inteira responsabilidade de seus autores.

Apresentação

O Congresso de Psicologia Analítica do Paraná foi promovido em conjunto pelo curso de Psicologia da FAE e o Mestrado em Psicologia da UFPR, sendo uma iniciativa que constituiu um espaço de encontro entre pesquisadores, profissionais e estudantes de psicologia analítica envolvidos na discussão, na pesquisa acadêmica e em atividades práticas vinculadas a essa abordagem psicológica em suas interfaces com outras formas de conhecimento.

O evento contribuiu com a reflexão sobre a psique humana por meio de minicursos, mesas-redondas, debates, apresentação de trabalhos acadêmicos e troca espontânea de informações e experiências profissionais entre os participantes. Ele realizou os seguintes objetivos de:

1. promover a discussão de conteúdos e temáticas relevantes na perspectiva da psicologia analítica;
2. proporcionar a construção de interfaces entre as diferentes vertentes teóricas pós-junguianas, em campos diversos de atuação e outras formas de conhecimento;
3. favorecer a criação de espaço de diálogo e compartilhamento da pesquisa teórica e da experiência prática e profissional entre pesquisadores e profissionais em psicologia analítica.

Foi concebido e atingiu um público diverso constituído principalmente de estudantes de Psicologia, em nível de graduação e pós-graduação, aos profissionais da área que atuam em campos diversos da saúde mental e demais interessados nas temáticas propostas.

Na apresentação dos trabalhos temos um painel da produção e trabalhos dos estudiosos de Psicologia Analítica no Paraná, esta modalidade proporcionou um rico diálogo entre os participantes estimulando a ampliação da presença da Psicologia Analítica nas instituições de ensino superior e a pesquisa e reflexão crítica no campo junguiano.

Prof. Dr. Carlos Augusto Serbena (UFPR)

Prof. Dr. Jairo Ferrandin (FAE)

Profa. Msc. Maria do Desterro Figueiredo (FAE)

Profa. Msc.. Jéssica Caroline dos Santos (UniBrasil)

(Coordenadores)

Congresso de Psicologia Analítica do Paraná

27 e 28 de outubro de 2017

Curitiba – Paraná

Promoção

Curso de Psicologia

FAE- Centro Universitário

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Universidade Federal Do Paraná

Comissão Organizadora

Prof. Dr. Carlos Augusto Serbena (UFPR)

Prof Dr. Jairo Ferrandin (FAE)

Profa. Msc. Maria do Desterro Figueiredo (FAE)

Profa. Msc. Jéssica Caroline dos Santos (UniBrasil)

PROGRAMAÇÃO

27/10/2017 – Sexta-feira		
	Título	Palestrante
MINI CURSOS 09:00- 12:00	1. Análise de desenhos no processo clínico	Paulo Afrânio Sant`anna
	2. Vivência das imagens oníricas na psicologia analítica	Alexsandra Massolini, Jéssica Caroline, Vicente Mussi
	3. Tipos psicológicos e a diversidade humana	José Jorge de Moraes Zacharias
	4. O desenvolvimento da espiritualidade e da imagem de Deus na infância	Ana Galvão Rios
	5. Psicopatologia Junguiana	Jairo Ferrandin e Elisângela Sousa de Pádua
	6. Psicologia analítica e o yoga	Tito Lívio Ferreira Vieira
12:00 13:30 INTERVALO - ALMOÇO		
ABERTURA 13:15 – 13:30	Composição da Mesa	Carlos Serbena, Jairo Ferrandin
	Contos clássicos na literatura analítica	Carlos Daitschman
MR1 - Psicologia e Religião 13:30 – 15:00	Psicologia e Religião na perspectiva analítica. Metanóia: aspectos psíquicos e espirituais	José Jorge Zacharias Jairo Ferrandin
15:00 – 15:30 COFFEE BREAK E MOMENTO CULTURAL		
MR 2 - Psicologia do Desenvolvimento 15:30–17:00	A construção da resiliência na criança e o papel da espiritualidade	Ana Galvão Rios
	Risco, proteção e resiliência ao longo da vida.	Ceres Araújo
17:00 – 17:15 COFFEE BREAK		
MR 3- O Simbólico do adoecer 17:15 – 18:45	O adoecer e a alma – uma perspectiva simbólica. A questão do suicídio, <i>bullying</i> e outros adoeceres	Juliano Maluf Amui
	A compreensão mitológica da depressão	Nélio Pereira da Silva

28/10/2017 – SÁBADO		
MR 4 - Psicologia Arquetípica e Literatura 08:30 – 10:00	Diálogo entre a Literatura e a Psicologia Junguiana	Teresinha Zimbrão
	"Sim-Toma tua Individuação: Uma mulher entre um delírio de individuação ou uma individuação delirante?"	Marcus Quintaes
09:00 – 10:00 Roda de Conversa com Paulo Afrânio		
10:10 – 10:30 COFFEE BREAK		
MR 5- Psicologia Analítica no Hospital 10:30 – 12:00	Transplante de células-tronco hematopoiéticas: a tarefa do herói e o processo de individuação	Maribel Pelaez Dóro
	Psicologia analítica no ambiente hospitalar	Angela Bley
12:00 - 13:30 INTERVALO – ALMOÇO		
MR 6 - Jung, Psicologia complexa e epistemologia 13:30 – 15:20	Epistemologia da Psicologia Analítica	Maria de Lourdes B. Sanchez
	Toni Wolff: Por que não Psicologia Complexa	Armando de Oliveira
	Metafísica, metapsicologia eo campo Junguiano	Carlos Augusto Serbena
15:20 – 15:30 INTERVALO		
15:30 – 16:30	Apresentação de Trabalhos	
16:30 – 16:45 COFFEE BREAK		
16:45 – 17:45	Apresentação de Trabalhos	
17:45 – 18:00 INTERVALO		
MR 7- Perdas, destruição e luto na Psicologia Analítica 18:00– 19:20	A mãe negra e a destruição do masculino: uma reflexão sobre exagero, opressão e alma	Caetano Fischer Ranzi
	Perdas e lutos: Uma perspectiva analítica	Tito Lívio Ferreira Vieira
19:20-19:30 INTERVALO		
MR 8 - Tipos Psicológicos 19:30 – 20:40	O uso do instrumento MBTI na compreensão tipológica em mulheres pós-bariátrica	Maria do Desterro Figueiredo
	Tipos Psicológicos em relacionamentos afetivos	Aline Cristina Zocante Mamede
20:40 – 21:00	Cerimônia de encerramento	

SUMÁRIO

RESUMOS DAS FALAS DA MESA REDONDA APRESENTADAS	12
RESILIÊNCIA EM CRIANÇAS.....	13
METAFÍSICA, METAPSICOLOGIA E O CAMPO JUNGUIANO	18
FATORES DE RISCO, FATORES DE PROTEÇÃO E FATORES DE RESILIÊNCIA AO LONGO DA VIDA....	24
PSICOLOGIA E ESPIRITUALIDADE: A DEPRESSÃO COMO TAREFA PSÍQUICA E ESPIRITUAL	26
O USO DO MBTI NA COMPREENSÃO TIPOLÓGICA DE MULHERES OBESAS.....	32
JORNADA DO HERÓI NO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO E DO TRANSPLANTE DE CÉLULAS- TRONCO HEMATOPOIÉTICAS.....	39
DIÁLOGO ENTRE A LITERATURA E A PSICOLOGIA JUNGUIANA.....	44
RESUMOS DOS TRABALHOS APRESENTADOS.....	46
O SÍMBOLO DA CRUZ E A INDIVIDUAÇÃO - DIÁLOGO ENTRE TEOLOGIA E PSICOLOGIA ANALÍTICA	47
GRUPO VIVENCIAL DE IMAGENS ONÍRICAS EM SEMINARISTAS A PARTIR DA PSICOLOGIA ANALÍTICA	48
O BANDO DO CHAPÉU DE PALHA: UMA AMPLIFICAÇÃO DO MANGÁ “ <i>ONE PIECE</i> ”	49
A VISÃO DE CARL JUNG SOBRE PSICOTERAPIA DE GRUPOS	50
O USO DE RECURSOS EXPRESSIVOS E MITOLÓGICOS NA COMPREENSÃO DA CLÍNICA JUNGUIANA	51
TÉCNICAS EXPRESSIVAS NO AMBIENTE HOSPITALAR, NUM OLHAR ANALÍTICO: A CAIXA DE ÍCONES SIMBÓLICA.....	52
O TEMPO: CHRONOS, KAIRÓS, AION	53
SONHOS RECORRENTES, COMPLEXOS E O GRUPO VIVENCIAL	54
GRUPO VIVENCIAL DE SONHOS COM MULHERES IDOSAS NO NÚCLEO DE CONVIVÊNCIA COMUNITÁRIA DE PINHAIS	55
O LABIRINTO DE DALÍ: UM OLHAR SOBRE A METANOIA	56
A JORNADA DO HERÓI NOS SONHOS A PARTIR DE GRUPOS VIVENCIAIS	57
UMA COMPREENSÃO DOS TRANSTORNOS ALIMENTARES SOB O VIÉS DA PSICOLOGIA ANALÍTICA	58
COMPLEXO CULTURAL – UMA REVISÃO DE LITERATURA	59
COMPORTAMENTO ALIMENTAR E FATORES EMOCIONAIS EM PACIENTE PÓS-CIRURGIA BARIÁTRICA.....	60

GRUPO DE APOIO PSICOLÓGICO A MULHERES OBESAS SOB A PERSPECTIVA ANALÍTICA	61
A AREIA COMO FUNDAÇÃO DA PSIQUE E CONTEÚDO CENTRAL DO SANDPLAY	62
JUNG NO ESPAÇO ACADÊMICO: UM MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO COM REFERENCIAL TEÓRICO JUNGUIANO	63
REFLEXÕES SOBRE A PSICOLOGIA ANALÍTICA NO CONTEXTO DA PSIQUIATRIA MODERNA E NA CONTEMPORANEIDADE	64
A PATERNIDADE EM CASAIS HOMOAFETIVOS: UMA VISÃO JUNGUIANA	65
PSICOPATOLOGIA NA ADOLESCÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES À LUZ DA PSICOLOGIA ANALÍTICA	66
A ALQUIMIA DA DOENÇA	67
O TRANSTORNO DEPRESSIVO E A PSICOLOGIA ANALÍTICA	68
A ALMA DO ORÁCULO VIRTUAL NA CULTURA OCIDENTAL	69
O SUICÍDIO E A CLÍNICA DAS IMAGENS	70
INFLUÊNCIAS DA INDIVIDUAÇÃO E DA SOMBRA PARA A DISSOLUÇÃO DE UMA PERSONA INFLADA	71
ANÁLISE ONÍRICA COMO RECURSO PARA ATENDIMENTO PSICOLÓGICO AO PACIENTE COM CÂNCER	72
TRANSIÇÃO DE MENINA A MULHER MITOS E CONTOS	73
O ASPECTO MANIPULADOR NO DEPENDENTE QUÍMICO - A VISÃO DA PSICOLOGIA ANALÍTICA ATRAVÉS DO TRICKSTER	74
O RAPTO DE PERSÉFONE E O INÍCIO DO PROCESSO CLÍNICO ANALÍTICO	75
O ORIENTE NA CONSTRUÇÃO DO SABER PSICOLÓGICO ANALÍTICO: UMA ANÁLISE PARCIAL	76
UM BONECO DE PAU GANHANDO VIDA: O RECURSO DESENHO NO ATENDIMENTO PSICOLÓGICO A CRIANÇA	77
PSICOTERAPEUTA: SEM UNIFORME NEM AVENTAL	78
A ALMA ANCESTRAL BRASILEIRA REPRESENTADA POR MACUNAÍMA, O HERÓI SEM NENHUM CARÁTER	79
O ARQUÉTIPO DA CRIANÇA DIVINA EM TERESA DE LISIEUX: IMAGINAÇÃO ATIVA E INDIVIDUAÇÃO	80
O DESAFIO HEROICO E A ADAPTAÇÃO NO TRATAMENTO HEMODIALÍTICO	81
ATIVIDADE DE ARGILA COMO DISPOSITIVO TERAPÊUTICO EM SAÚDE MENTAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA ARTE TERAPIA EM UM CLÍNICA PSIQUIÁTRICA	82
A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA NA INTERFACE ENTRE PSICOLOGIA ANALÍTICA E LITERATURA	83
PARA ALÉM DE <i>SIEGFRIED</i> OU UMA CORRELAÇÃO ENTRE JUNG E SPIELREIN ACERCA DA ESQUIZOFRENIA	84

O CAVALEIRO PRESO NA ARMADURA: UMA JORNADA DE INDIVIDUAÇÃO.....	85
OS ASPECTOS SIMBÓLICOS DA PSIQUE E O CONCEITO DE NUMINOSO.....	86
EGO JUNGUIANO - À LUZ DA NEUROPSICOLOGIA.....	87
REFLEXÕES SOBRE A PERSONA E A SOMBRA EM ESTUDANTES DE PSICOLOGIA.....	88
O INOMINÁVEL: UM OLHAR SOBRE A INDIVIDUAÇÃO NO VAZIO	89
ESPIRITUALIDADE NA ARTETERAPIA - OS LIMITES DOS SENTIMENTOS NO CUIDADO DE QUEM CUIDA	91
SAÚDE, ESPIRITUALIDADE E PSICOLOGIA ANALÍTICA	92
FAÇA O QUE EU DIGO E NÃO O QUE EU FAÇO: UMA AMPLIFICAÇÃO DA PEÇA TARTUFO.....	93
GRUPO VIVENCIAL DE SONHOS COMO PROCESSO RITUAL À LUZ DA PSICOLOGIA ANALÍTICA.....	97
ÍNDICE DE RESUMOS POR ORDEM ALFABÉTICA DO TÍTULO.....	98

RESUMOS DAS FALAS DA MESAS REDONDA APRESENTADAS

Resiliência Em Crianças

Ana Maria Galvão Rios

A resiliência é a capacidade presente em todos os indivíduos, em maior ou menor grau, que permite prevenir, superar ou minimizar os efeitos danosos de uma adversidade. Trata-se de um potencial humano, presente nos seres humanos em todas as culturas e em todos os tempos. É parte de um processo evolutivo e pode ser promovida desde o nascimento.

O comportamento resiliente pode se manifestar tanto pela continuidade do desenvolvimento apesar do impacto adverso sofrido, ou pela sua superação, promovendo um desenvolvimento para além do nível anterior de funcionamento.

Na psicologia analítica entende-se a adaptação como uma necessidade fundamental, arquetípica, um processo contínuo na vida, dependente de um equilíbrio entre as necessidades internas ou subjetivas, e as externas, ambientais, em permanente diálogo criativo. Entretanto, na discussão atual, a resiliência transcende a adaptação, na medida em que traz transformações positivas para o indivíduo e para a sociedade a que pertence, como um fator de desenvolvimento da consciência.

Existem dois modelos fundamentais de lidar com a adversidade. O primeiro é o modelo preventivo, consistente com o modelo epidemiológico de saúde pública, no qual se trata de reduzir a frequência e a duração da exposição às adversidades. O segundo é o de promoção, mais consistente com o conceito de resiliência, comprometido com a maximização do potencial e do bem-estar dos indivíduos em risco, no qual se busca favorecer a satisfação de necessidades básicas e a aquisição de competências. Resiliência implica em resistência à ameaça e não em invulnerabilidade.

Hoje em dia considera-se a superproteção como adversidade, uma vez que a exposição a desafios são a base para a construção de novas redes neurais. A saúde mental relaciona-se à complexidade e à flexibilidade e entende-se que as experiências negativas estão na base do desenvolvimento da tolerância à frustração. Esta capacidade é essencial para a sobrevivência e para que a criança seja capaz de elaborar conflitos e suportar as perdas inevitáveis. Na adversidade é que a criança atualiza seus recursos.

Entre os fatores protetores da psique e promotores de resiliência, destacamos a autoestima derivada do apego seguro, que se baseia em cinco dimensões educacionais:

1. Comunicação Contingente: envolve a percepção dos sinais emitidos pela criança, compreensão do que eles significam para esta, e o oferecimento de uma resposta adequada a tempo. A criança experimenta a sensação de “ser percebida” pelo cuidador, que sua mente está contida na do cuidador. Os sinais são também não verbais, e incluem contato visual, expressão facial, tom de voz, gestos, posturas, timing e intensidade da resposta.

2. Diálogo Reflexivo: quando os pais se envolvem na discussão não somente dos eventos objetivos, mas dos conteúdos da própria mente da criança, e seus processos mentais, como o pensamento, sentimento, sensações, percepções, memórias, atitudes, crenças, intenções.

3. Reparação: sintonia / ruptura / nova sintonia. Reparação é um processo interativo que envolve uma compreensão da inevitável desconexão entre pessoas diferentes, e uma tentativa de seguir adiante e reconectar.

4. Comunicação emocional: através do compartilhamento e amplificação das emoções positivas, tais como alegria e excitação, assim como o compartilhamento e amenização das emoções negativas tais como medo e raiva. Partilhar as emoções permite que a criança aprenda que as emoções são toleráveis e produz uma sensação de intimidade. Frequentemente é mais importante refletir uma emoção negativa da criança do que resolver o problema.

5. Organizar narrativas coerentes: contar histórias a respeito de si mesmo é uma ferramenta importante de comunicação e compreensão. Narrativas nos ajudam a compreender o sentido de nosso comportamento e do dos outros, no mundo complexo onde vivemos. As narrativas refletem o processo de integração neural com componentes emocionais e não verbais sendo expressos também em palavras, e, para que seja bem-sucedida, a criança depende da experiência de ter tido pais, professores ou terapeutas capazes de colocar sentimentos em palavras.

É o terceiro quem cria a ilusão de sermos compreendidos. Na falta do interlocutor, se não há para quem contar, os eventos não se transformam em memórias. Crianças isoladas não tem memórias bem elaboradas de seus períodos de isolamento. As histórias vêm de encontros emocionais. É a reação emocional do outro ao evento que cria uma memória.

Quando nossas memórias privadas não podem ser articuladas com aquilo que o ambiente lembra, então grandes episódios da nossa história não podem ser colocados em palavras. Perdemos o senso de uma identidade estável e coerente. Manter um segredo pode estragar um relacionamento: o segredo produz isolamento, embora participe da construção da identidade. Um segredo tem grande poder emocional, é sempre revelado num discurso paralelo, secretado. Por alterações do clima emocional, lapsos, evitações, sabemos onde está o segredo. Os segredos produzem uma linguagem estranha. Aqueles à nossa volta geralmente se asseguram de não ouvir nada. Eles têm todo o necessário para entender, exceto o desejo de fazê-lo. Filhos de pais que mantêm segredos se comportam estranha ou negativamente: eles raramente fazem perguntas.

No que diz respeito à fantasia, em situações muito precárias, a psique se salva pelos sonhos, fantasias ou até mesmo criando realidades alucinatórias. Somente as crianças capazes de fantasiar podem se salvar. As outras, que se adaptam ao mundo real e se rendem a um mundo devastado, são inundadas com pedaços de informação que são rasos, pobres, imediatos e, portanto, vazios de significado. O desespero é a resposta apropriada a um mundo assim. “Quase todas as crianças resilientes que são felizes num mundo gelado, desolado e faminto, sobrevivem graças ao extraordinário poder de sonhar acordados que as faz sentirem-se aquecidas” (CYRULNIK, 2009, p. 275).

A resiliência, sendo universal, é arquetípica. Existe um instinto fundamental e universal para superar obstáculos e recuperar o equilíbrio: um instinto para perseverar e para curar após o embate com eventos desorganizadores e perdas. Um instinto: uma pulsão instintiva e inata para superar adversidades, e ir adiante, que se configura na psique como o arquétipo do herói.

Entretanto, para enfrentar a adversidade trata-se da constelação também do arquétipo da criança, já que não se trata apenas da invencibilidade ou da tenacidade do herói. Lidar adequadamente com a dor demanda a constelação do arquétipo criança. Criança é o que em nós tem um futuro.

Referências

CYRULNIK, B. **How your Inner Strength Can Set You Free From The Past**. London: Penguin Books, 2009.

Obras Consultadas

ARAUJO, C. A. Resiliência Ontem, Hoje e Amanhã, in: ARAUJO, C.A., MELLO, M.A. e RIOS, A.M.G.: **Resiliência: Teoria e Práticas de Pesquisa em Psicologia**. São Paulo: Edlhaka, 2011.

ARAUJO, C. A. Novas Ideias em Resiliência. **Revista Hermes**, n.11, p. 85-107, 2006.

ASLAN, A.; BÄUML, K-H. Memorial Consequences of imagination in children and adults. **Psychonomic Bulletin & Review**, v. 15, n. 4, p. 833-837, 2008.

BOWLBY, J. The nature of the child's tie to his mother. **International Journal of Psycho-Analysis**, v. 39, p. 350-373, 1958.

BRAINERD, C. J.; REYNA, V. F. **The Science of False Memory**. New York: Oxford University Press, 2005.

COZOLINO, L. **The neuroscience of psychotherapy**. Healing the social brain. New York: Norton, 2010.

GIANETTI, E. **A Ilusão da Alma**: Biografia de uma Idéia Fixa. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HILLMAN, J. **Ficções que Curam**: Psicoterapia e Imaginação em Freud, Jung e Adler. Campinas: Verus, 2010.

JACOBY, M. **Saudades do Paraíso**: Perspectivas psicológicas de um arquétipo. São Paulo: Paulus, 2007.

JACOBY, M. **Psicoterapia Junguiana e a Pesquisa Contemporânea com Crianças**. São Paulo: Paulus, 2010.

JUNG, C.G. **A Energia Psíquica**. Petrópolis: Vozes, 1985.

JUNG, C.G. **A Vida Simbólica**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, C.G. **Escritos Diversos**. Petrópolis: Vozes, 2003.

KNOX, J. **Self-Agency in Psychotherapy**. New York: W.W. Norton & Co., 2011.

KNOX, J. **Archetype, Attachment, Analysis**. London: Routledge, 2003.

KNOX, J. Memories, fantasies, archetypes: an exploration of some connections between cognitive sciences and analytical psychology, **Journal of Analytical Psychology**, v. 46, p. 613-635, 2001.

KNOX, J. The relevance of attachment theory to a contemporary Jungian view of the internal world: internal working models, implicit memory and internal objects. **Journal of Analytical Psychology**, v. 44, p. 511-530, 1999.

NELSON, K., FIVUSH, R. Socialization of Memory. In: Tulving, E.; CRAIK, F. I. M. **The Oxford Handbook of Memory**, p. 283-295. New York: Oxford University Press, 2000.

PERGHER, G. K. Falsas Memórias Autobiográficas. In: STEIN, L.M. **Falsas Memórias**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SCHORE, A. N. **Affect Regulation and the Repair of the Self**. New York, W.W. Norton & Co, 2003.

SCHORE, A. N. Early Relational Trauma, Disorganized Attachment, and the Development of a Predisposition to Violence. In: SOLOMON, M.F.; SIEGEL, D. **Healing Trauma: Attachment, mind, body and brain**. New York and London: W.W. Norton & Company, 2003.

SIEGEL, D. **The Developing Mind**. New York, London: The Guilford Press, 1999.

STERN, D. **A constelação da maternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

WILKINSON, M. **Changing Minds in Therapy**. New York: ed. W.W. Norton & Co., 2010

Metafísica, metapsicologia e o campo junguiano

Carlos Augusto Serbena
(PPG Psicologia – UFPR)

A Psicologia Analítica orientou-se para a prática clínica e não aborda os fundamentos de seu próprio fazer, e, desta forma, existe uma lacuna em sua própria epistemologia e de seus fundamentos. O próprio Jung, apesar de um amplo conhecimento filosófico, não abordou esta questão. Entretanto, as divergências entre as diferentes escolas junguianas pode ser melhor compreendido em termos epistemológicos e própria prática clínica guarda armadilhas se isto não for esclarecido. Neste sentido, podemos colocar que há diferenças nos seus fundamentos, com uma metafísica implícita em cada uma destas escolas (SAMUELS, 1989). A primeira questão é que o título é um redundante “fundamentos metafísicos”, pois a metafísica já remete a isto. Segundo Corbisier (1974) esta expressão designa somente a posição ocupada “no corpus aristotélico, pelos tratados que se referem àquilo que, por hipótese, se encontra além da física” (p. 197) isto é, depois dos tratados que descrevem o mundo material. Posteriormente é que veio a se constituir, no pensamento ocidental, a parte mais importante da filosofia. Ela é definida como o estudo do Ser enquanto tal, estudo das causas primeiras ou fundamentais, filosofia primeira entre outras. De qualquer forma, remete a algo além (meta) desta realidade (*physys*). Ao longo da história do pensamento, a metafísica foi pensada de diferentes formas e seus problemas ou formulações se modificaram. Por exemplo, na Idade Média os principais temas da metafísica tradicional são Deus e a imortalidade da alma refletindo a própria organização da sociedade. A partir de Descartes, com a separação do mundo em *res extensa* e *res cogitans* e com uma nova representação do mundo se colocando, a metafísica tradicional começa a se retirar de cena. A Psicologia Analítica se contrapõe ao empirismo inglês, que afirma a experiência sensível como fonte de todo conhecimento e refuta a possibilidade de um conhecimento metafísico, salientando sua inacessibilidade e a falta de clareza de seus termos. Nos escritos junguianos podemos observar que Jung relativiza a certeza do conhecimento com base no criticismo kantiano. Este, ao indagar sobre os limites do conhecimento declara a metafísica ser impossível como ciência ou conhecimento absolutamente verdadeiro, pois, os limites de minha sensibilidade denotam os limites de meu conhecimento e, ao incluir o inconsciente na equação do conhecimento, este se relativiza permanentemente.

De qualquer modo, há uma necessidade de explicação e de aplacar a angústia frente a incerteza e ao desconhecido e, deste modo, buscar uma explicação além das aparências, um princípio explicativo mais “profundo”. Isto fica claro no relato das reações das pessoas frente a fato ocorrido em Rio Branco no Acre em 2017, no qual um jovem de 24 anos desapareceu deixando 14 livros codificados escritos a mão e reapareceu 7 dias depois (FULGENCIO, 2017). Alguns comentários na imprensa falam dele como “Avatares que aparecem no mundo para uma mudança que está para vir” ou “Simplesmente um ser de Luz, com consciência expandida, cumprindo na *Haled* (terra) o que veio fazer”. Comentando este fato, e explicando a uma conhecida que provavelmente era um distúrbio psicológico, ela relata que esta era a visão da ciência, mas que na realidade, a verdade era mais profunda e ele fora abduzido por extraterrestres.

Este “profundo” da minha conhecida se contrapõe ao conhecimento científico e rigoroso, tanto em termos vivenciais como de conhecimento. Ele oferece ao sujeito detentor do “profundo” uma posição de exclusividade, aplaca a angústia da incerteza e diferencia o sujeito dos seres comuns. A ciência, ao contrário, está acessível pela razão a todos, pelo seu caráter crítico sustenta a incerteza e tende a eliminar a excepcionalidade do evento. Entretanto, mesmo a ciência negando a metafísica (ou tentando superá-la) ela possui uma metafísica implícita cujos pontos principais são: (a) explicações dos eventos neste mundo devem ser procurados nele próprio e não em uma outra realidade, (b) existe uma causalidade seja teleológica ou regressiva-tradicional, (c) existem princípios organizadores na realidade, (d) realidade pode ser expressa em linguagem matemática (e) devido ao seu mecanicismo e (f) há um caráter crítico no pensamento com constantes correções e revisões por meio do (g) confronto com o real (MARCONDES, 1987).

Há uma interpretação equivocada de que Jung abandona a ciência, devido ao fato de não seguir os princípios expostos acima. Na minha interpretação, Jung em sua trajetória, se dá conta dos limites desta metafísica e tenta ultrapassar a mesma incluindo novas categorias. Ele foi um empirista com sólida formação científica tradicional e chegou aos limites dela. Ele percebe algo além disto, e que a linguagem científica ou tradicional não consegue descrever este além. Ele permanece dentro do criticismo kantiano em sua descrição, mas apontando para este “além”. Deste modo, há uma tensão epistemológica na obra de Jung (NAGY, 2003).

Não perceber isto faz a interpretação junguiana recair exatamente na crítica da psicanálise, uma “romantização”, um pensamento de fantasia ou infantil como uma regressão do mesmo, ignorando as limitações do real e não aceitando a ciência. Entretanto, exatamente por Jung dominar a lógica da ciência e se dirigir à realidade, ele encontra as limitações da ciência na interpretação deste real e busca ultrapassar isto.

Segundo Freud, a metapsicologia tem por objeto a interpretação teórica generalizada dos processos psíquicos. Isto é, remete a algo além da psicologia e assim, de alguma forma, Jung está sempre fazendo uma metapsicologia sem explicitar isto claramente, ocasionando uma tensão e certa confusão no seu pensamento. Isto fica evidente quando se define o objeto de estudo da Psicologia Analítica: a psique. Entretanto, o que é a psique? Ela é a totalidade da experiência humana, mas se é tudo então não é nada. Para esclarecer isto, podemos, como passo inicial, separar, do ponto de vista epistemológico, o pensamento junguiano em dois campos: (a) direcionado para a prática e pesquisa em psicoterapia (Psicologia Analítica) e (b) relacionado para a formulação de conceitos e teoria (Psicologia Complexa). Esta confusão de certa forma se reflete no campo junguiano e na sua constituição. No contexto brasileiro podemos colocar que a formação e conhecimento são realizados em várias frentes: (I) pelos institutos oficiais ligados à Zurique que formam os analistas junguianos; (II) pelas Instituições de ensino superior oferecendo cursos de especialização a psicólogos outorgando o título de especialistas; (III) de maneira não institucional por autodidatas e (IV) de maneira muito incipiente na pesquisa acadêmica.

Todas estas questões levam a uma dificuldade em caracterizar o que seria “janguiano” ou a psicologia junguiana. Há uma dificuldade em caracterizar o método ou designar uma teoria ou um conjunto delas, pois o próprio Jung coloca as mesmas com um caráter provisório (JUNG, 2002). Penso que a caracterização se dá por uma determinada relação com o mundo e com a própria psique ou subjetividade definindo uma “experiência ou visada junguiana”. Esta, em termos conceituais, se inicia e se dá de forma constante no denominado “confronto com a sombra”, que é o primeiro contato com o inconsciente.

Ela é uma experiência particular de cada um, mas que vai estabelecer justamente o que Jung critica e é comum na sociedade moderna que é a falta de relação com o mundo, o esquecimento do “*unus mundus*” e que é muito sedutor, nesta etapa inicial, se ligar com o profundo, um contato com a numinosidade do inconsciente coletivo (Jung, 2000). Entretanto, quando passa pelo crivo do conhecimento rigoroso, se percebe que esta experiência é subjetiva, pessoal, vivenciada como absoluta, mas parcial e podendo ser mediada socialmente ou não.

Identificação com *self* /inconsciente

Este aspecto é muito claro. A experiência integral de contato com a sombra implica em uma ferida no ego e na consciência, mostrando sua parcialidade e humanizando o sujeito. Isto impossibilita a ideia de um sujeito mais individuado que o outro, ou portando de uma maior sabedoria do que o outro. Se o sujeito se coloca nesta posição, ele está, da mesma maneira que minha conhecida, se posicionando com acesso mais exclusivo a um “profundo” fantasiado, pois o profundo é uma vivência e não epistemológico, no sentido do conhecimento. Profunda é sua experiência ou relação com o mundo e não o conhecimento dela derivado, que se não trabalhado e confrontado com a realidade, os outros e a tradição, tende a ter um caráter de fantasia e ser raso.

A Psicologia se constitui como ciência separando-se da filosofia, definindo um objeto e, teoricamente, abandonando os pressupostos metafísicos. Entretanto, há uma impossibilidade disto, e ao considerar a ciência como única verdade, se constitui o mito do cientificismo (GUSDORF, 1979). Ao considerar o conhecimento oriundo da Psicologia Analítica como mais profundo, além da ciência, pois é oriundo do inconsciente coletivo, ignorando os crivos e controles da ciência, o “junguiano” repete o senso comum do profundo adicionado ao mito do cientificismo (posto que o pensamento junguiano é mais profundo e correto do que a ciência psicológica, pois ultrapassou a mesma).

De forma simplificada, ao não tomar consciência disto, podemos hipotetizar que o sujeito fica mais suscetível de ser capturado ou influenciado pela “sombra” da profissão de psicólogo. Estas podem ser caracterizadas em algumas posturas clínicas representadas por imagens.

A primeira é psicologia xamânica. Nesta o psicólogo detém o conhecimento verdadeiro ligado a uma concepção de subjetividade que transcende o ego e a consciência racional. O meio de acesso a ela é justamente a clínica e, no contato com aspectos não explicados e numinosos da psique, faz uso de realidades transcendentais tais como níveis energéticos. O ponto chave é tornar uma interpretação pessoal e particular desta experiência em algo universal e do qual ele detém acesso privilegiado.

Outra possibilidade é ignorar que a totalidade dos processos psíquicos implica sempre no seu reverso — que quanto maior a luz maior a sombra. Esta postura é criticada por Jung, que coloca que ela ignora a realidade psicológica do “mal”, os aspectos destrutivos da psique, a incerteza presente no mundo e no nosso próprio entendimento dele, temos a psicologia Pollyanna. Esta é uma personagem famosa de um livro no qual ela faz o jogo do contente e que tudo vai dar certo. No campo junguiano, decorre de que a individuação sempre é construtiva e termina por enfatizar o mito do herói, a superação da sombra e, o reforço do ego com conseqüente suscetibilidade de adentrar na psicologia xamânica.

Referências

CORBUSIER, R. **Enciclopédia filosófica**. Petrópolis: Vozes, 1974.

FULGENCIO, C. Jovem deixou 14 livros escritos à mão e criptografados antes de sumir, diz mãe. Disponível em <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/jovem-deixou-14-livros-escritos-a-mao-e-criptografados-antes-de-sumir-diz-mae.ghtml>.

GUSDORF, G. **Mito e metafísica**. São Paulo: Convivio, 1979.

JUNG, C. G. **A Natureza da psique**. Vol. 8/2. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, C. G. **Prática da psicoterapia**. Vol. 16/1. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARCONDES, D. **Iniciação à história da filosofia: Dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

NAGY, M. **Questões Filosóficas na Psicologia de C.G.Jung**. Petrópolis: Vozes, 2003.

SAMUELS, A. **Jung e os pós-junguianos**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

Obras Consultadas

PORTER, E. H. **Pollyanna**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

Fatores de risco, fatores de proteção e fatores de resiliência ao longo da vida

Ceres Alves de Araújo
(PUC-SP)

Desde o início dos estudos sobre resiliência na área da saúde mental, resiliência é definida como a capacidade latente para se curar, como a capacidade para sobrepor-se à adversidade. Pessoas dotadas dessa capacidade podem ser abatidas pelas vicissitudes da vida, mas retomam sua integridade, podendo se tornarem mais fortes e mais resistentes ainda.

Viver situações difíceis faz parte do fato de estar nesse mundo e crescer implica em resolver situações de conflito e crises da existência. Durante o processo do desenvolvimento psicológico, observam-se crises ou desequilíbrios determinados também pela constelação dos diferentes arquétipos ao longo da trajetória da vida. Uma situação de desequilíbrio acarreta a mobilização de símbolos novos de alta intensidade, que integrados ao eu, favorecem o crescimento.

Dessa forma, o ser humano, no seu processo de individuação, evolui do útero materno até a senescência, passando pela primeiríssima infância, pela primeira infância, pela segunda infância, pela adolescência e pela vida adulta, enfrentando crises e elaborando conflitos.

Fatores de risco, fatores de proteção, extrínsecos ao indivíduo e fatores de resiliência, intrínsecos, interagem, contra atuam e favorecem crescimento ou acarretam patologias.

Os fatores de risco estão associados a todos os eventos da vida e a proporção de risco é variável de pessoa para pessoa. Diferentes momentos na trajetória da vida conjugam fatores de risco diferentes. Os fatores de proteção têm o objetivo de prevenir o advento da adversidade e/ou proteger o indivíduo sob a adversidade.

Os fatores de resiliência podem ser fomentados desde o início da vida e estão ligados à satisfação de necessidades básicas, à aquisição de competências para tentar garantir crescimento e bem-estar.

É um processo determinado pela construção de si mesmo ao longo da vida, acompanhado pela consciência de que existem fatores externos e internos que permitem a potencialização das capacidades.

A resiliência implica em ressignificar um evento adverso que causou o desequilíbrio, considerando-o como uma possibilidade de desenvolvimento, de individuação e como uma oportunidade de fortalecer o vínculo com a vida. É um potencial humano, presente nos seres humanos em todas as culturas e em todos os tempos e é também uma capacidade arquetípica, um potencial de individuação.

Assim, adversidades, traumas, doenças, catástrofes de ordens diferentes ocorrem desde o início até o fim da vida. Frente à situação traumática, que sempre elicia impotência e ameaça da perda da identidade, pode ocorrer a restauração regressiva da *persona*, uma regressão simbólica que pode transformar um transtorno pós-traumático em um crescimento pós-traumático.

Lembrando o princípio teleológico ou finalista, um dos pressupostos da Psicologia Analítica, é preciso considerar que a adversidade, a crise e o sintoma têm o sentido de reencontrar o processo de individuação em todas as idades. Na abordagem junguiana, acredita-se que o potencial curativo do *Self* pode ser atualizado pela constelação do arquétipo do Herói e pela constelação do arquétipo da Criança Divina. Faz-se necessário tanto a força de heróis da ação para o enfrentamento resiliente quanto o vínculo com a vida, a ética pessoal e a busca do novo, que são trazidos pela Criança Eterna que existe dentro de cada um.

Psicologia E Espiritualidade: A Depressão Como Tarefa Psíquica E Espiritual

Jairo Ferrandin

A depressão se torna cada vez mais frequente em todas as esferas da sociedade atual. É difícil estabelecer com precisão os motivos que a transformaram no “mal do século”. Calcula-se que até 20% das pessoas passem por depressão ao longo de suas vidas. Ela representa a segunda maior causa de afastamento do trabalho e das atividades cotidianas.

É difícil precisar a razão pela qual a depressão se tornou tão frequente em nossos dias. O que se conhece é que deprimir-se é uma forma de reação ao modo de conduzir a própria vida, sustentada pela ilusão de controle, de liberdade desenfreada, do empoderamento e da vontade própria. É um meio de relutar contra o movimento maníaco do consumo, dos excessos das atividades práticas, da conectividade contínua, do elevado nível de exigência performática nos diversos âmbitos da existência cotidiana. Esse quadro é intensificado pela compreensão comum de que “o sofrimento não é mais permitido onde se busca apaixonadamente o êxito e o sucesso” (NUBER, 2006, p. 14). É como se a tristeza não compusesse nossa vida e nos encontrássemos isentos de fraquezas e contradições.

Apesar do aumento contínuo das doenças depressivas, ainda é difícil tratar abertamente o assunto. É preferível conversarmos sobre doenças físicas a discorrermos sobre estados depressivos que nos afligem. A dificuldade de aproximação ao tema ainda persiste nos diversos ambientes, inclusive no religioso. Todavia, o impacto que a depressão promove na vida atual exige uma abordagem no sentido de compreender mais adequadamente o processo em que estamos envolvidos.

De modo geral, a depressão é descrita como “reação natural relativa às experiências emocionais dolorosas, envolvendo perdas, luto e solidão, com implicações físicas e psíquicas” (SAMUELS, 2002, p. 24). As suas características principais compreendem a alteração no humor, a depreciação e reprovação de si mesmo, culpabilização, menosprezo e autocomiseração. A pessoa tem desejos regressivos como a fuga e a negação. As alterações emocionais promovem irritação profunda, geralmente a perda do sonho e o impulso sexual. Nessas condições, a realização das atividades diárias e a capacidade decisória ficam comprometidas. Tem a elevação do grau e ansiedade e, em situações extremas, o suicídio.

De acordo com Hollis (2001) três tipos de depressão podem ser identificadas: endógena, reativa e intrapsíquica. A depressão endógena é derivada de uma base presumivelmente biológica, transmitida geneticamente e, de modo geral, pode ser encontrada em outros membros da linhagem familiar. Nesse caso, existe intensa autocensura e a pessoa conduz suas tarefas vitais com uma carga desproporcional considerando anormal o esforço dispendido para esse fim.

A depressão reativa ocorre diante de situações de perdas, frustrações ou desapontamentos. Normalmente está relacionada com experiências de fracasso relacional, pessoais, afetivo ou material, com os quais o indivíduo está envolvido. A depressão reativa promove retração da energia vital. Nesse caso, a condição patológica somente se instala se ocorrerem perturbações no funcionamento e na rotina de vida ou se o impacto da perda impuser condição debilitante da experiência, prolongando-se além de um período razoável.

Essa distinção precisa ser cuidadosamente considerada. Seria um equívoco conceber causas físicas ou emocionais, uma vez que a depressão envolve sempre as dimensões fisiológicas e emotivas do indivíduo. Tende-se hoje a falar em depressão leve, moderada ou forte. A terapêutica também se modificou. Não se opõe medicamentos (psiquiatria) a psicoterapia (psicologia), mas se propõe um trabalho integrado.

O terceiro tipo de depressão proposta por Hollis é a intrapsíquica. A psicologia profunda tende a considerá-la de forma bastante específica com relação às demais, a começar pelo significado do termo. Depressão quer dizer, literalmente, “pressionar para baixo” no sentido de redirecionar a energia e a intencionalidade do ego e da consciência para a interioridade. Trata-se de modelo de depressão que nos acompanha constantemente e, embora não diagnosticada, compromete a qualidade de vida e suscita a sensação de não estarmos à altura das exigências cotidianas.

No que concerne especificamente à depressão intrapsíquica, é bastante natural que se desencadeie em momentos decisivos da vida, sobretudo naqueles que envolvem transição e expansão psíquica e existencial. Ela pode ocorrer de tempos em tempos e ser acompanhada com consideráveis flutuações de humor. É o que acontece durante o processo da metanoia, conhecido igualmente como crise da meia idade. Trata-se de uma fase da vida adulta que

“preconiza experiências de mudanças significativas e profundas no alinhamento de vida, em termos psicológicos, religiosos e existenciais” (STEIN, 2007, p. 14).

A vivência da crise desencadeada geralmente pelo processo depressivo constitui-se na necessidade inerente à dinâmica do Self psíquico que convoca o indivíduo à consideração sobre sua realidade interior. Em outros termos, a metanoia convida ao retorno à realidade desconhecida de cada pessoa. Nesse retorno, inúmeros elementos precisam ser reavaliados: história de vida, influência dos modelos comportamentais e emocionais das figuras paternas, traumas e feridas emocionais e as questões de ordem afetivas; sobrevêm questionamentos sobre as realizações profissionais, os relacionamentos vividos, as escolhas realizadas, os posicionamentos, além do contato com novas possibilidades. Enfim, emerge a necessidade de debruçar-se sobre a vida vivida e, igualmente, sobre aquela não vivida.

A experiência da metanoia é processo psíquico igualmente descrito no âmbito experiência religiosa. Para o místico Johannes Tauler, os verdadeiros frutos da experiência religiosa são colhidos após a crise da meia idade. Ele afirma que o contato direto e imediato com o sagrado é condicionado pelo encontro com o fundo de si mesmo: “trata-se do que é mais íntimo do homem, o fundo onde se encontram recolhidas todas as suas forças, no qual o homem inteiro está disposto e onde Deus habita” (TAULER, 1998).

Conforme os mestres do espírito, na primeira metade da vida, o homem busca progressos espirituais pelo cumprimento das obrigações religiosas. Suas ações se pautam sobre os próprios esforços. Os resultados obtidos são positivos, no sentido de fornecerem orientação segura no mundo. Todavia, o irromper do movimento da metanoia promove incertezas, angústias e provações religiosas. O que até então foi praticado, os exercícios espirituais, ofício divino, devoções, obras externas, se tornam vazios. Não é raro as pessoas se sentirem exauridas e insatisfeitas com tudo e com todos. O que era realidade com encanto e devotamento pode ser tornar um peso insuportável, repulsivo e sem agrado.

A metanoia, em geral, tende a promover a colisão necessária e inevitável entre o estado de vida atual da pessoa em todos os seus aspectos com os conteúdos e as questões inconscientes que permanecem reprimidos e se encontram fora do nível conhecido da personalidade. O processo é desencadeado pelo Self. No âmbito religioso, a colisão ocorre entre o modelo externo de religiosidade internalizado e cumprido pela pessoa e a convocação

interna do self religioso. Conforme Tauler, a crise do homem religioso é provocada e conduzida pelo próprio Deus com o intuito de demovê-lo de suas representações e fixações religiosas como condição para experimentar “o divino nele mesmo” (Deus escondido) e não a partir dos constructos humanos.

Nessas situações, os elementos desconhecidos do histórico pessoal emergem no cotidiano de forma desadequada e disfuncional. Eles mobilizam intensa quantidade emocional que promove sofrimentos físicos e psíquicos. O sofrimento psíquico constitui a neurose, que significa o conflito entre a esfera consciente e elementos inconscientes que são excluídos da vida psíquica. Inventada pelo médico escocês Cullen, no final do século 18, a palavra neurose sugere “perturbação ou colapso nervoso” (HOLLIS, 2013). No entanto, o fenômeno vivido tem pouca relação com a condição neurológica. Em termos psicodinâmicos, a neurose se refere à “experiência intrapsíquica de cisão, de embate entre as forças de expansão e desenvolvimento e o processo regressivo de vida”, entre o que somos e o que fomos destinados a ser.

A depressão neurótica ou intrapsíquica é decorrente do movimento da regressão da energia psíquica a serviço do desenvolvimento do eu, similarmente à regressão noturna promovida pelo sono que restaura a homeostase psicossomática. É imprescindível retornar aos aspectos vitais reprimidos, negligenciados de nós mesmos para o esforço de trazê-los à superfície e reintegrá-los, conscientemente, à vida.

O reconhecimento dos conteúdos reprimidos ocorre pela análise e compreensão dos sintomas, das fantasias e, sobretudo, dos sonhos. Grosso modo, a depressão neurótica revela o que está equivocado em cada pessoa. A dor e os sofrimentos psíquicos e corporais são indicações de que algo vital ainda está ausente e aguarda a convocação para retornar à vida (HOLLIS, 1995). Na medida em que o trabalho com o material inconsciente é realizado, a depressão tende a diminuir.

Nesse sentido, o adoecer depressivo enquanto movimento psicodinâmico indica o distanciamento entre o senso de vida egóica vigente e atual e o self teleológico, isto é, aquilo que a pessoa é designava a ser, de forma mais plena. A depressão é ocasião do embate psíquico entre o desejo e a possibilidade de ser si mesmo e os elementos regressivos da força

vital. Em nível religioso, o conflito entre sua condição espiritual atual e seu self religioso mais profundo.

A experiência intrapsíquica da depressão, devidamente conduzida, favorece o contato com o desígnio mais íntimo de cada pessoa. Ela favorece o promissor encontro com o si mesmo mais profundo. O contato consigo mesmo é permeado pela tensão entre o desejo e o dever. A pessoa realiza o movimento na direção do desígnio pessoal, seus anseios particulares, seus desejos e necessidades específicos e, ao mesmo tempo, se sente dominada pelo sentimento de culpa e pela sensação de ser infiel ao projeto externo de vida anteriormente assumido.

Se o indivíduo ficar retido em aspectos do desenvolvimento psíquico emocional, sua energia de vida permanece represada. A energia presa em aspectos repressivos deixa de fluir para a realização de outras atividades. Todavia, se a pessoa decide por tornar-se o que é, se aceitando como realmente é, desenvolve empatia com suas próprias questões internas. Tende a enfrentar seus medos, ou seja, aquilo que ela mais deseja, como possibilidade de remover os empecilhos de seu crescimento psíquico e espiritual. Do contrário, se permanecer inconsciente dessa tarefa se manterá envolta no sofrimento que fere a si e aos que se encontram ao seu redor.

A decisão pelo enfrentamento do processo é acompanhada pela angústia. A culpa é a defesa contra a angústia da escolha e a presunção de onipotência, ou seja, de não sentir a necessidade de realizar a tarefa do desenvolvimento. Enquanto a depressão nos reporta para a situação de negligência do Self, a ansiedade nos indica a direção para avançar na tarefa de crescimento humano. A ansiedade gera desenvolvimento. A depressão derrota e estagna a vida.

Nesse sentido, a depressão como condição da sociedade atual traz um desafio considerável. De um lado precisa ser tratada como processo de adoecimento decorrente das condições da vida contemporânea; e de outro, como tarefa psíquico-espiritual. Nesse caso, faz-se necessário a ampliação da compreensão de todo o processo. Além da disposição de acolher a condição depressiva, as pessoas e as instituições precisam considerar o movimento de fundo que envolve esse processo de adoecer. Devem tratar a depressão igualmente a partir

do seu significado, da funcionalidade e finalidade que ocupa em nossas vidas, como parte do movimento do crescimento psicológico e espiritual.

Referências

HOLLIS, J. **A passagem do meio**. Da miséria ao significado da meia-idade. São Paulo; Paulus, 1995.

NUBER, U. **Depression: Die verkannte Krankheit**. Munchen, 2006

SAMUELS, A. **Psychopathology: contemporary Junguian perspectives**. London: Karnac, 2002

STEIN, M. **No meio da vida. Uma perspectiva junguiana**. São Paulo: Paulus, 2007.

TAULER, J. **Sermões**. São Paulo: Paulus, 1996.

Obras consultadas

GRÜN, A. **O tratamento espiritual da depressão**. Petrópolis: Vozes, 2009.

GRÜN. **40 anni: età di crisi o tempo di grazia?** Padova: Edizione Messaggero, 1996.

O uso do MBTI na Compreensão Tipológica de mulheres obesas

Maria do Desterro de Figueiredo
(FAE-PR)
Armando de Oliveira e Silva
Rosana Bento Radominski
(UFPR)

Bem antes de Jung, escritores e filósofos como Galeno e Hipócrates, já descritos em sua obra, se preocupavam com as semelhanças e diferenças entre os indivíduos, apontando diferentes tipos que influenciavam no comportamento humano (JUNG, 2011/1971).

A teoria dos Tipos Psicológicos de Jung foi fruto de anos de observação em suas atividades clínicas com investigações e discussões entre colegas. Jung (2011/1971) declara que começou a perceber diferenças individuais típicas e genéricas nas pessoas e relata que o indivíduo está naturalmente inclinado a entender o mundo e seus fenômenos pela ótica de seu próprio tipo psicológico.

Cronologicamente, a Teoria dos Tipos Psicológicos de Jung é diferente da Teoria dos Tipos de Myers e Briggs. Em 1920, Carl Gustav Jung publica o livro Tipos Psicológicos com a construção de um quadro teórico sobre os diferentes tipos de personalidade e com isso uma maior compreensão das atitudes e comportamentos humanos. Na década de 40, Myers e Briggs começam a se interessar pelas diferenças entre as personalidades e se aprofundarem nos estudos de Jung sobre a temática.

Jung, em sua teoria, elenca duas possíveis orientações (introversão e extroversão) e quatro funções psíquicas (sentimento, pensamento, sensação e intuição) que, combinadas, formam a personalidade de um indivíduo.

Enquanto mecanismos adaptativos, tanto para o mundo interno como para o mundo externo do indivíduo, Jung (2011/1971) atribuiu os dois tipos gerais de atitude, ou seja, as disposições da energia psíquica - a introversão e a extroversão. Na introversão, a energia psíquica está voltada de fora para dentro da psique e as atitudes do indivíduo são orientadas por fatores subjetivos e internos. Há um movimento do interesse que sai do objeto e se volta para o indivíduo e para seus processos psicológicos. Aqui, o objeto tem importância secundária. Na extroversão, a energia psíquica está voltada de dentro para fora da psique e as

atitudes são orientadas por fatores objetivos e externos. Há um movimento do interesse para o objeto e este atua como um ímã que atrai e condiciona as tendências do indivíduo, subordinando o sujeito ao objeto. Ambas disposições são encontradas em um mesmo indivíduo e são complementares, porém opostas. Ou seja, uma será mais consciente e diferenciada enquanto a outra será mais inconsciente e indiferenciada do ego. Esse mecanismo compensatório é herdado se encontra ao favor das exigências da realidade interna e externa do indivíduo e descreve o fenômeno da enantiodromia. A enantiodromia significa “correr em sentido contrário”, ou seja, designa a concepção de que tudo que existe se transforma em seu contrário. Jung descreve que este fenômeno ocorre sempre que uma direção é intensamente unilateral necessitando de uma compensação para o equilíbrio psíquico.

Além das duas atitudes descritas, Jung considerou quatro funções psíquicas básicas, sendo elas: Sensação e Intuição, enquanto funções irracionais; Pensamento e Sentimento como funções racionais.

As funções Sensação e Intuição definem as duas maneiras possíveis do indivíduo perceber e receber informações internas e externas. A Sensação privilegia as informações recebidas pelos órgãos dos sentidos, considerando um contexto do aqui e agora. A Intuição privilegia as informações extra-sensoriais, buscando seus significados, relações e possibilidades futuras, dando ênfase ao que está além e considerando a via do inconsciente.

As funções Pensamento e Sentimento definem as duas maneiras possíveis do indivíduo avaliar informações recebidas e tomar decisões sobre estas. O Pensamento discrimina, julga e classifica os fenômenos por meio da razão e da lógica. O Sentimento avalia os fenômenos por meio da dimensão valorativa do julgamento e é influenciado por questões pessoais e sociais.

Da mesma forma que as atitudes, os pares das funções psíquicas são opostos e complementares, estando a serviço da adaptação do indivíduo em seu meio interno e externo e em graus diferentes de potencialidades. A função principal se refere aquela mais diferenciada, utilizada de forma mais consciente e associada à disposição principal. A segunda função principal é auxiliar da função principal e apesar de estar num plano consciente está associada à disposição inferior. A terceira função psíquica age num plano mais inconsciente com

desenvolvimento elementar e associada à disposição inferior. A quarta função psíquica é mais rudimentar e indiferenciada, associada à disposição inferior.

Embora os tipos psicológicos obedçam a uma estrutura, para sua avaliação deve-se levar em consideração seu funcionamento dinâmico. Para Jung (2011/1971), já é possível verificar uma atitude na infância, com suas características próprias e, quando não respeitadas ou passíveis de desenvolvimento, poderão gerar até mesmo uma neurose. Durante o desenvolvimento da psique, é possível observar no indivíduo introvertido características mais extrovertidas. Essas mudanças podem ser provocadas conscientemente, circunstancialmente ou por questões psicopatológicas.

A função inferior, por estar mais indiferenciada, tem um caráter autônomo perante o ego e pode se associar a persona e a sombra, dominando o ego do indivíduo.

Conforme alerta Ramos (2005), sobre o dinamismo dos tipos psicológicos, é preciso cautela e experiência quanto ao seu diagnóstico. Atualmente, os instrumentos que contribuem para a avaliação dos tipos psicológicos nas áreas da saúde, organizacional e escolar são o *Myers Briggs Type Indicator* (MBTI), o Questionário de Avaliação Tipológica (QUATI), o *Gray Wheelwright* e o Sistema *Insights Discovery*. Neste estudo, o instrumento escolhido para a avaliação das participantes e do caso clínico apresentado foi MBTI.

BriggsMayers, Kirby e Myers (1998) desenvolveram um instrumento para avaliar as características de personalidade, sustentados pelos pressupostos teóricos de Carl Gustav Jung. As autoras defendem a presença de uma quarta dimensão, a qual foi percebida já por Jung, mas não aprofundada. A quarta dimensão da personalidade refere-se aos dois modos de orientação em relação ao mundo externo: livre/perceptivo e estruturado/julgador.

Por meio das combinações dos pares opostos em cada eixo, o MBTI distingue 16 tipos diferentes, representados cada um por 4 letras.

Para Myers & Myers (1997) as preferências TF (pensamento ou sentimento) é totalmente independente da preferência SN (sensação ou intuição). Assim, ocorrem quatro possíveis combinações, tais como ST (sensação-pensamento), SF (sensação-sentimento), NT (intuição-pensamento), NF (intuição-sentimento). Dentro destas preferências as pessoas terão sempre um aspecto dominante e um auxiliar. O processo auxiliar, além de servir de apoio ao

processo dominante, é encarregado de tentar equilibrar extroversão e introversão, ou seja, dá suporte ao que seria deixado de lado, que nos extrovertidos é o mundo interior e nos introvertidos, o mundo exterior (MYERS; MYERS, 1997).

Essas combinações demonstram diferentes tipos de personalidade e maneiras de perceber e julgar as informações caracterizadas por interesses, valores, necessidades, estilos de pensamento e traços que resultam naturalmente destas funções.

Este trabalho refere-se, especificamente, a um estudo de caso selecionado para uma demonstração da amostra estudada no projeto de doutorado intitulado de “Perfil Psicológico e Saúde Mental em Mulheres obesas, num referencial analítico – Tipos Psicológicos e a Função Emocional do comer”, o qual foi aprovado pelo CEP – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do HC-UFPR, sob o número 59996016.9.0000.0096, do CAAE – Certificado de Apresentação para Apreciação Ética.

Para a realização desta pesquisa, foi utilizado o referencial teórico da Psicologia Complexa, de Carl Gustav Jung, o qual compreende o ser humano em sua totalidade, tendo a psique como possuidora dos aspectos conscientes e inconscientes, além de considerar a interação psíquica entre o pesquisado e pesquisador (PENNA, 2007).

O problema de pesquisa foi direcionado na compreensão entre a tipologia identificada em paciente pós-bariátrica, e suas influências nas escolhas alimentares e na sua relação com o “comer”, considerando as dificuldades próprias da adaptação cirúrgica e suas necessidades psíquicas.

Os instrumentos utilizados para obtenção dos dados foram o MBTI (*Myers-Briggs Type Indicator*) e a entrevista semiestruturada. O instrumento MBTI®, aplicado no caso clínico em questão, foi concedido e corrigido por uma consultoria brasileira patentada, Fellipelli Instrumentos de Diagnóstico (2017). A versão brasileira apresenta evidência de validade confirmada por Couto (2016) e, está em conformidade com a teoria de Carl G. Jung (2011/1971). Este consiste em 93 perguntas, das quais 26 avaliam as funções Intuição ou Sensação, 24 avaliam Pensamento ou Julgamento, 22 avaliam as funções de orientação (Julgamento ou percepção) e 21 avaliam Introversão ou Extroversão. Couto (2016) obteve um índice satisfatório no que se refere à consistência interna do MBTI (*alfa* maior que 0,8), que

está de acordo com o exigido pelo CFP (Conselho Federal de Psicologia) e com as exigências da comunidade científica.

O caso clínico escolhido será, aqui, identificado como “Sra. B.” O perfil psicológico, identificado por meio do instrumento MBTI, para a “Sra. B.” é ESFJ (Extroversão, Sensação, Sentimento, Julgamento). Ou seja, a “Sra. B.” é uma pessoa extrovertida, com função sentimento apoiada pela sensação e com um estilo de vida organizado e planejado, característicos da função Julgamento.

De acordo com Felipelli (2017), o perfil identificado da “Sra. B.” condiz com um indivíduo prestimoso, perceptivo, compassivo, social, empático, harmonioso, responsável e metódico, características essas que corroboram com o discurso observado na paciente avaliada.

Considerando a compreensão dinâmica do perfil “ESFJ”, é possível observar na função dominante o sentimento extrovertido, o qual é visível em pessoas que costumam utilizar sua função julgamento no mundo exterior, concentrando-se em pessoas, coisas e atividades. Geralmente, colocam o foco de investimento na obtenção da harmonia e da satisfação no mundo exterior, preferindo ser valorizado e valorizar os outros enquanto fonte de energia. Protegem-se de conflitos interpessoais, se estressam com a falta de tempo, cooperação e organizacional para fazer tarefas; buscam por ambientes sociáveis e que lhes deem apoio; irradiam boa vontade e entusiasmo; preocupados em não desagradar, não ferir os outros; precisam ser valorizados por atividades individuais; comunicação aberta e honesta (QUENK, 2010).

Ainda nesta compreensão dinâmica dos tipos psicológicos, a autora junguiana Quenk (2010) considera a força da influência da função menos diferenciada, ou seja, a mais inconsciente e considerada a função sombra. A função inferior da “Sra. B.” é o pensamento introvertido, o qual se manifesta, por exemplo, quando o comportamento unilateral exagerado de ajudar ou esperar por ajuda não obtém êxito e, então, esse passará para o segundo plano. Neste instante, o entusiasmo e otimismo dão lugar ao recolhimento, baixa energia, pessimismo e depressão. Enquanto o sentimento extrovertido perde energia, o pensamento introvertido inferior assume direção com condutas de pessimismo, críticas excessivas, lógicas intrincadas e buscas compulsivas pela verdade, característicos de seu discurso “faço, faço e

ninguém percebe” (sic), “Ele não me entende, ninguém me entende, então fico quieta” (sic), “como, como muitas bananas para não xingar” (sic), “sou 8 ou 80” tomei 60 comprimidos e dormi 2 dias, quase morr.” (sic); “Tô vivendo, né, tenho filhos” (sic), “Não tenho nada a oferecer, quem vai querer alguém assim?” (sic).

De forma geral, é possível compreender, por meio da tipologia da “Sra. B.”, que ela parece se utilizar do alimento para compensar suas frustrações e dificuldades de expor suas ideias e posição no mundo externo. Ainda, se utiliza com frequência dos mecanismos da compensação e da projeção para se proteger do mundo interno que tanto a angustia ao não saber lidar com conflitos externos. Demonstra fazer uso excessivo das funções preferidas sentimento extrovertido e sensação introvertida de forma unilateral, sem considerar as demais funções. Tende a se submeter ao recolhimento regressivo, precisando sempre do amor e da aprovação do outro para se sentir apoiada e capaz, e precisa ter consciência do seu funcionamento psíquico e das demais funções auxiliares a favor do seu processo de individuação e do seu processo bariátrico.

Neste estudo, foi possível perceber as duas Teorias dos Tipos Psicológicos (Jung e Myers e Briggs) dialogando e se complementando em ressaltarem a tenacidade da atitude extrovertida com a preferência da função sentimento e a força da função inferior.

Referências

BRIGGS MYERS, I.; KIRBY, L. K.; & MYERS, I. D. **Introduction to type: A guide to understanding your results on the Myers-Briggs Type Indicator**. Palo Alto: CPP Inc, 1998.

COUTO, G. Estrutura interna do Myers Briggs Type Indicator (MBTI): evidência de validade. **Avaliação Psicológica**, v. 15, n.1, p. 41-48. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712016000100006>

FELIPELLI INSTRUMENTOS DE DIAGNÓSTICO. Responsável pela distribuição do MBTI® no território Brasileiro. Disponível em: <<https://www.fellipelli.com.br/>>.

JUNG, C.G (2011). **Tipos Psicológicos**. Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1971).

MYERS, I. B.; MYERS, P. B. **Ser humano é ser diferente**: valorizando as pessoas por seus dons especiais. São Paulo: Gente, 1997.

PENNA, E. M. D. Pesquisa em psicologia analítica: reflexões sobre o inconsciente do pesquisador. **Boletim de Psicologia**, 57 (127), 127-138, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432007000200002>

QUENK, N. L. **MBTI e a Dinâmica da Função Inferior**. São Paulo: Fellipelli, 2010.

RAMOS, L. M. A. Os tipos psicológicos na psicologia analítica de Carl Gustav Jung e o inventário de personalidade “Myers-Briggs Type Indicator (MBTI)”: contribuições para a psicologia educacional, organizacional e clínica. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 6, n. 2, p. 137-180, nov. 2008. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/779>>

Obras Consultadas

PENNA, E. M. D.. O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. **Psicol. USP**, São Paulo , v. 16, n. 3, p. 71-94, Sept. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v16n3/v16n3a05.pdf>>

Jornada do Herói no Processo de Individuação e do Transplante de Células-Tronco Hematopoiéticas

Maribel Pelaez Dóro

Este sumário aborda uma proposta reflexiva sobre a possibilidade de personificação simbólica da jornada do herói que acontece com maior ou menor abrangência e transformação, durante o caminhar do indivíduo tanto no processo de individuação, como no processo do Transplante de Células-Tronco Hematopoiéticas - TCTH. A associação destes processos se dá pela razão de que ambos requerem uma ação heroica com força e fé na capacidade evolutiva da vida, de suporte e superação das mortes vividas; da ressignificação e da possibilidade de se recriar, por meio das construções, desconstruções e reconstruções. Cada composição arquetípica se faz e se ajusta no intercâmbio integrativo das demandas internas e externas, na subjetividade do cenário particular de cada um, com suas próprias conquistas e sacrifícios.

A unidade de um Serviço de Transplante de Medula Óssea - STMO pode ser compreendida como uma representação de um vaso alquímico onde fatores simbólicos e bioquímicos, conteúdos da realidade interna e externa se misturam e transcorrido um tempo do transplante, algo brota. E é muito mais do que as Células-Tronco Hematopoiéticas – CTH, é também uma gestação emocional. Lembrando que as CTH também são chamadas de “células totipotenciais e células mães”, por possuírem a potencialidade da germinação, proliferação e diferenciação celular. Portanto, é um processo de tratamento em que, por meio da infusão das células mães, cria-se uma oportunidade biomédica e psíquica para uma nova composição de “células nascentes”.

Nesta seara, de tamanha complexidade biomédica, social, cultural, acadêmica, física e psicológica, com demandas e necessidades que eclodem a cada instante e demarcam uma exposição que exige um quantum energético de grande escala para o contexto objetivo, pontual e de tomadas de decisões permeadas pelos mandos e desmandos do Deus Cronos. Por estarem tomados pelas convocações oriundas das fachadas e camadas externas, frequentemente, os “doentes” apresentam dificuldades no resgate de si mesmo. Nesta perspectiva e na condição de cada um, o paciente pode passar pelo processo, sem conscientização da própria experiência e sem uma amplificação da personalidade.

“A verdadeira ampliação da personalidade é a conscientização de um alargamento que emana de fontes internas. Sem amplitude anímica jamais será possível referir-se

à magnitude do objeto. Por isso diz-se com razão que o homem cresce com a grandeza de sua tarefa. Mas ele deve ter dentro de si a capacidade de crescer, se não nem a mais árdua tarefa servir-lhe-á de alguma coisa. No máximo, ela o destruirá” (JUNG, 2000, p. 126).

Na ausência ou na condição pálida (albedo) da amplificação da personalidade, o paciente no STMO traz questões pessoais da ordem das necessidades básicas de sobrevivência e encontra-se constelado na obediência às expectativas da razão, sem implicação subjetiva e sem a devida compreensão de que algo maior está posto. Portanto, este algo fatorial requer um acréscimo da consciência do sentido e significado simbólico. Mesmo assim, muitos pacientes não se implicam e não se colocam a trabalho, nem buscam respostas e nem expressam uma simbolização; ficam presos no real, estão tão distantes de si mesmos que a realidade psíquica fica constipada, nada flui, mantém-se na estagnação, alienado das próprias questões, que por ora é como se não as tivesse, trata-as como meras perguntas de uma razão tão lógica que se torna ilógica, aprisionada no tempo parado. Estaria nesta configuração, o medo da vida ou uma inapetência pela vida?

Se matéria e psique são dois aspectos de uma mesma realidade, se somos um corpo (JUNG, 1981) e se no âmbito da biologia, as células mães, estão sendo estimuladas e chamadas para a pega medular, para a obra médica; o que dizer do âmbito psíquico, em relação à grande tarefa, a *opus*? É possível, num raciocínio analógico, inferir que no processo do TCTH, ao estimular as células-tronco pode haver um fomento desta representatividade e uma ação sincrônica da ativação de alguns arquétipos da terra fértil da psique?

Um indivíduo quando dá entrada no STMO é um novo paciente na Unidade, mas já carrega uma história de longa data. Mesmo sendo jovem de idade. A priori, no Serviço ele é uma Unidade desconhecida. Este entendimento das nuances de um não saber, é o ponto de partida do trabalho clínico psicológico, para que seja possível avançar na relação analítica e no processo dele, em termos do autoconhecimento e na ampliação da sua consciência quanto as suas buscas, sentidos, significações e verdades. Lembrando que, “é a história de cada um, vivida no tempo, que produz o processo de individuação. É ele o *Principium Individuationis*” ULSON, (2008, p: 11). Segundo Joseph Campbell (2007), os mitos são histórias da nossa busca de verdade, de sentido, de significação através dos tempos.

“O arquétipo do herói entra em funcionamento cada vez que uma atitude heróica é requerida em nossa conduta”. Este arquétipo é responsável por nossas lutas não corriqueiras. Sua simbólica se expressa na prontidão do corpo na preparação para luta ou fuga, ou seja, para a ação heróica que se encontra permeada por uma mobilização intensa. (VARGAS, 2002, p. 32).

O processo de individuação acontece nas circunstâncias da vida, por si só, com consciência ou não. E na análise, com mais consciência, assim como na ativação dos motivos e expressão arquetípica, em situações divisoras de água, marcantes, como no TCTH, no nascimento, morte, vida, separação, doença. O que pode conferir um encaminhamento no processo de individuação do paciente é a fomentação de uma postura simbolizante das experiências vividas. Posto isto, é possível dizer que, assim como o Processo de Individuação é um movimento contra a natureza, o TCTH é um contratempo que promove um tempo expandido para repensar sobre os significados da vida e se reposicionar perante o chamado para a realização da grande tarefa, a *opus*.

Então é preciso que neste entremeio, a condição de desenvolver e realizar tarefas de cuidado e de força heroica acorde e seja despertada pela consciência. Se a expressão da *hybris* não atrapalhar, a verdadeira compensação vem do próprio inconsciente.

No contexto do pré-transplante, frequentemente, nas entrevistas clínicas da psicologia os pacientes associam o ato do transplante em si com o significado de renascimento. A implicação está no fato de que para renascer é preciso antes passar pelo sacrifício, tem uma morte a se realizar. Os sentimentos tornam-se ambíguos, no entrelaçamento das mãos do Hermes com as do Herói. A doença e o tratamento nas composições das diversas entrevistas se apresentam como uma situação crítica que pode se configurar como a chave que dará acesso a um novo renascer, mas também, como um portal estreito e sem volta. Afinal, a expressão do inconsciente coletivo se faz através de ideias formadas arquetipicamente. Portanto:

“o encontro consigo mesmo significa, antes de mais nada, o encontro com a própria sombra. A sombra é, no entanto, um desfiladeiro, um portal estreito cuja dolorosa exiguidade não poupa quem quer que desça ao poço profundo. Mas para sabermos quem somos, temos de conhecer-nos a nós mesmos, porque o que se segue à morte é de uma amplitude ilimitada, cheia de incertezas inauditas, aparentemente sem dentro nem fora, sem um aqui ou um lá, sem meu nem teu, sem bem nem mal. É o mundo da água, onde todo o vivente flutua em suspenso, onde sou inseparavelmente isto e aquilo, onde vivencio o outro em mim, e o outro que não sou, me vivencia” (JUNG, 2000, p. 31-32).

Na jornada do herói, a grande tarefa a ser realizada é o desenvolvimento e maturação daquilo que se é, ou seja, no arredondamento da integração quaternária do tesouro dos conteúdos simbólicos inerentes e existentes em cada um, no próprio potencial do “DNA psíquico”. Quiçá, nas “células totipotenciais”, seja no seu estado concreto ou de representação simbólica, ambas visam a realização da evolução do processo de conquista da tarefa maior

que é a expressão da dinâmica daquilo que se é enquanto essência, naquilo que se faz e vive no processo existencial. Mesmo nos casos em que o herói pode ser aquele que morre.

“A sombra ou, na verdade, todo complexo, caso não estejam ligados à psique como um todo, podem ser tão destrutivos e até mesmo capazes de ameaçar a vida em proporção idêntica a uma célula cancerosa, que escapou à integração normal nos sistemas saudáveis do corpo” (HALL, 1986, p. 46).

A carga que o herói carrega, é ele mesmo. Que pode ser denominada como Cruz. Carrega a pesada carga de si mesmo e de seu destino, ou mais exatamente, seu próprio eu, sua totalidade, deus e animal a um só tempo. Não só ser humano empírico, mas a plenitude de seu ser, que tem suas raízes na natureza animal e transcende o meramente humano e atinge a divindade. Sua totalidade significa uma contradição enorme, mas que aparece uma em si, como a cruz que é um excelente símbolo da contradição (JUNG, 1986).

Com o entendimento simbólico que advém do processo de individuação e do transplante, o paciente pode reconciliar-se e encontrar dentro de si uma paz aos contrários beligerantes. Estas circunstâncias propiciam uma reconciliação do herói personificado e experimentado nesta realidade adversa, mas, em comunhão com a pessoa que adoeceu, portanto, pode vir a ser o Curador da Própria Ferida.

As variantes são tantas quanto os processos individuais, mas, o STMO pode ser um representante do vaso alquímico, onde apesar do sofrimento e da imposição do sacrifício como parte da tarefa, é preciso levar em conta a capacidade do homem de se recriar através da superação do próprio sofrimento.

Com a caminhada consciente nos processos experimentados pode haver uma dinâmica construtiva que sensibiliza a alma, relativiza o olhar, enriquece a integração de si em si e harmoniza a atitude na condição de ser protagonista da própria história.

Referências Bibliográficas

CAMPBELL Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Editora Cultrix/Pensamento. 2007, 414p.

HALL, James a.; **A Experiência Junguiana**. Análise e Individuação. Editora Cultrix. São Paulo, SP. 1986. 229p.

JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Obras Completas, volume IX/I. Ltda. Petrópolis-RJ: Editora Vozes Ltda. 2000, 447p.

_____. **Símbolos da Transformação**. Obras Completas, volume V. Petrópolis-RJ: Editora Vozes Ltda. 1986, 544p.

_____. **Psicologia do Inconsciente**. Obras Completas, Petrópolis-RJ: Editora Vozes Ltda, 1981.

ULSON, G. A Vivência do Tempo na Terapia. **Cadernos Junguianos/ Associação Junguiana do Brasil**. São Paulo, v. 4 (4), p: 7-18, 2008.

VARGAS, N. S. Símbolo e Psicossomática: O corpo Simbólico. **Revista Latino-Americana da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**. São Paulo, n. 20, p: 29-34, 2002.

Obras Consultadas

EDINGER, E. F. **Ego e Arquétipo**: uma síntese fascinante dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung. 2ª Edição. São Paulo: Editora Cultrix, 1992.

_____. **Anatomia da Psique**. O Simbolismo Alquímico na Psicoterapia. São Paulo: Editora Cultrix, 2002.

PEARSON, C. **O herói interior: seis arquétipos que orientam a nossa vida**. São Paulo: Cultrix, 1992.

Diálogo entre a Literatura e a Psicologia Junguiana

Teresinha V. Zimbrão da Silva
(UFJF)

O presente trabalho comunica resultados de uma pesquisa em andamento que tem uma proposta interdisciplinar: ler textos literários à luz da Psicologia Junguiana. É no volume intitulado em português, *O Espírito na Arte e na Ciência* (JUNG, 1985), que encontramos os ensaios de Jung sobre as relações entre Literatura e Psicologia. Lemos então que a força imagística da poesia, que pertence ao domínio da Literatura e da Estética, é um fenômeno psíquico, e como tal pertence também ao domínio da Psicologia. Nestes ensaios, Jung defende o que chamaríamos hoje de interdisciplinaridade, espaço onde pretendemos nos situar.

Jung diferencia então dois procedimentos distintos na criação da obra literária: o visionário e o psicológico. No primeiro, há presença predominante de conteúdos desconhecidos que parecem provir das profundezas do inconsciente, já no segundo, estão presentes conteúdos que a consciência conhece ou pode pressentir. No presente trabalho, estudaremos o romance de Clarice Lispector, *Uma aprendizagem* ou o livro dos prazeres, como exemplo de obra visionária. Sabe-se que as personagens de Clarice vivem processos epifânicos, termo emprestado à religião e que significa em sentido amplo, “revelação”. Esse processo pode ser desencadeado por qualquer fato banal do cotidiano e, a partir dele, as personagens passam a ver o mundo e a si mesmas com outros olhos, como se tivessem tido, de fato, uma “revelação” - e é neste sentido que estaremos considerando a obra de Clarice como visionária. Esta vivência das personagens claricianas, já interpretada pela crítica literária à luz do conceito de epifania, pode ser reinterpretada à luz da idéia junguiana de individuação.

Mais especificamente, apresentaremos uma leitura do romance de Clarice Lispector à luz da perspectiva alquímico-junguiana. Jung sublinha nos seus estudos sobre Psicologia e Alquimia (JUNG, 1990), que a opus alquímica, com as suas operações e respectivas imagens, pode muito bem representar o processo de individuação. Procuraremos demonstrar que a narrativa clariciana em questão admite ser interpretada como a estória da alquimia do amor, da *coniunctio* tanto interna quanto externa, dos personagens Lóri e Ulisses e que, ao narrar o

encontro amoroso do casal, a autora também nos narra, construindo diversas imagens alquímicas, o processo de individuação dos personagens.

Por fim, importa sublinhar, que este trabalho não é da autoria do psicólogo, mas do crítico literário que está tentando se apropriar de conceitos da Psicologia de Jung para o estudo da Literatura. Tendo concluído em 2006 no IBMR-RJ uma pós-graduação lato sensu em Psicologia Junguiana (com a monografia intitulada Literatura e Psicologia Analítica), a autora deste trabalho se propõe a divulgar no meio acadêmico brasileiro os estudos sobre Literatura e Psicologia Junguiana.

Referências

JUNG, C. G. **Psicologia e alquimia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

JUNG, C. G. **O espírito na arte e na ciência**. Petrópolis, Vozes, 1985.

RESUMOS DOS TRABALHOS APRESENTADOS

O símbolo da cruz e a individuação - Diálogo entre Teologia e Psicologia Analítica

Albertina Laufer

Considerando o símbolo da cruz enquanto aspecto fundamental para a compreensão Teológica, e a individuação como meta proposta pela Psicologia Analítica, objetiva-se evidenciar a possibilidade de aproximação e diálogo entre ambas e a percepção de aspectos comuns, ainda que com significado diferente. Para a Teologia, em Cristo, o sentido da cruz adquire o aspecto de salvação e redenção, no amor. Ao abordar o tema, Jung não se refere à morte de Cristo na cruz, mas à cruz enquanto símbolo do despojamento de si, o que permite com que ele faça a analogia com o processo de individuação. Neste sentido, aludir ao sacrifício da cruz reporta ao abandono do ego em favor do Self. Para tanto, procede-se ao aprofundamento do tema via pesquisa bibliográfica, por meio da qual se fará a coleta de dados em livros, artigos, sites e demais materiais pertinentes. Desse modo, o estudo permite concluir que o diálogo entre o simbolismo da cruz e o processo de individuação é pertinente, uma vez que, em ambos, a pessoa se perde para ganhar. Perder-se, para a Teologia, simboliza abraçar a cruz de Cristo e reconhecer em si os pecados. Logo, para a Psicologia Analítica, significa perceber os aspectos da sombra, elementos indispensáveis à realização da personalidade. Portanto, cruz, morte e ressurreição, além de realidades da vida de Cristo, podem também ser considerados episódios da vida concreta de cada pessoa, razão pela qual, a interpretação psicológica permite aludir à condição humana em processo de individuação.

Palavras-chave: Cruz; Teologia; Individuação; Psicologia Analítica;

Grupo vivencial de imagens oníricas em seminaristas a partir da Psicologia Analítica

Alexsandra Massolini
Carlos Serbena
Helena Azevedo de Araujo

Ao dedicar-se à vida consagrada, o jovem terá, no mínimo, 10 anos de formação e trabalhos ligados às pastorais. Ele abdicará do convívio com familiares, amigos e de toda a estrutura de vida construída e conhecida para dedicar-se à vida religiosa integralmente, passando a morar com seus irmãos de fé. Nesta vida fraterna ocorre o convívio com pessoas de locais e costumes diferentes, onde terão um reitor, um formador e um diretor espiritual que já são consagrados, aos quais estes jovens devem obediência, assim como abdicar-se da vida mundana, recolhendo-se à castidade e pobreza. Esta escolha implica em uma mobilização afetiva e uma transformação da subjetividade destes jovens, podendo levantar várias questões conflitivas. Segundo a Psicologia Analítica, o sonho é um reflexo da totalidade da psique e retrata uma linguagem simbólica do nosso mundo interior. O objetivo deste trabalho é relatar a proposta do grupo vivencial de sonhos com seminaristas. Foram realizadas entrevistas iniciais e de desligamento, além de oito encontros de duas horas com grupo de 4 participantes, no período do primeiro semestre de 2017 em Centro de formação em Curitiba-Pr. Nestes encontros realizou-se a ampliação dos sonhos sem interpretações, identificando que o mesmo forneceu meios para estas pessoas ampliarem a consciência em relação a sua problemática pessoal, possibilitando maior integração psíquica auxiliando em um processo de individuação em grupo.

Palavras-chave: Imagens Oníricas; Grupos; Seminaristas; Psicologia Analítica.

O Bando do Chapéu de Palha: Uma amplificação do mangá “*One Piece*”

Ana Alice Gonçalves
Caetano Fischer Ranzi

O presente trabalho buscou realizar uma amplificação do mangá *One Piece* de Eiichiro Oda. Este mangá é um dos mais consumidos no Brasil e no mundo, dessa forma, a pesquisa pode contribuir para o entendimento do motivo de esta história ser tão atraente mundialmente. O objetivo foi identificar traços na história do personagem principal, Monkey D. Luffy, que permitam considerá-lo um herói e investigar a relação de Luffy com seus companheiros. Para alcançar tais objetivos, foram utilizadas revisões bibliográficas sobre a jornada do herói, que o teórico Joseph Campbell nomeou como monomito, e pressupostos teóricos da psicologia analítica. Campbell divide o monomito em três grandes fases: a partida, a iniciação e o retorno. Foi através dessa ótica que o exame do mangá foi feito, buscando identificar como e onde estão representados tais conceitos em sua história. Para entender a relação de Luffy com seus companheiros, foi utilizada a teoria da individuação de Jung. Para o teórico, a individuação é um processo que gera uma unidade indivisível, que se relaciona tanto com seu inconsciente, como com o consciente. É através da individuação que o indivíduo se torna aquilo que está destinado a ser. Partindo desse ponto de vista, o personagem Luffy age como um facilitador para o caminho da individuação incentivando todos a buscarem sua totalidade. Não apenas seus companheiros, mas por todas as ilhas que passa, Luffy inspira todos a buscarem o seu melhor. Ele encoraja seus amigos a irem de encontro à totalidade dentro de cada um.

Palavras-chave: *One Piece*; Mangá; Individuação.

A visão de Carl Jung sobre psicoterapia de grupos

Ana Luisa Testa

Jung e a maior parte dos psicólogos de abordagem analítica são avessos ao trabalho da psicoterapia de grupos, modalidade bastante empregada em instituições, especialmente no sistema público. A visão predominante é de que psicoterapia grupal seja incompatível com o processo de individuação, sendo este estimulado apenas pela análise individual. Majoritariamente, os artigos selecionados nas bases de dados percorridas (*Scopus*, *Scielo* e *EBSCO*) - que tentam fazer essa relação entre a teoria da psicologia analítica e a psicoterapia de grupos - começam destacando a dificuldade de trabalhar com o tema por conta do criticismo de Jung em relação à psicoterapia de grupos. Neste trabalho levantamos, nos artigos e na literatura, as críticas e suas possíveis justificativas para essa visão pessimista por parte do fundador da psicologia analítica. Para Jung, grupos são perigosos por provocarem regressão infantil, contágio, intoxicação psíquica, criação de dependência mútua, perda de autonomia e de responsabilidade do indivíduo, massificação, aumento da sugestibilidade, falso senso de segurança, inflação e baixa de defesas egóicas, e paralisia do processo de individuação. Essa visão pode ser justificada pelo contexto da Europa no século XX, a indiferenciação conceitual de Jung entre psicologia de grupos e psicologia de massas, sua inexperiência com grupos terapêuticos, pouca atenção dada às camadas sociais e culturais da psique e seus experimentos de associação de palavras realizados com membros da mesma família.

Palavras-chave: Psicologia Analítica; Psicoterapia Grupal; Psicologia De Grupos.

O uso de recursos expressivos e mitológicos na compreensão da clínica junguiana

Andréia Aparecida de Lara
Maria do Desterro de Figueiredo

Na clínica junguiana, o uso de recursos expressivos tem possibilitado maior compreensão do desenvolvimento psíquico em crianças e adultos. O presente trabalho tem como objetivo descrever esses recursos como ferramentas terapêuticas, realizadas num Serviço Escola, durante o período de estágio supervisionado em Clínica, num viés da Psicologia Analítica. O caso “G” refere-se a um jovem com dificuldades nas relações afetivas, apresentadas desde a separação dos pais. Por meio do Mito de Perseu, analisou-se seus principais conflitos e questões analíticas, voltados ao relacionamento materno e exemplificado no discurso “*Sabe, é como se eu estivesse em uma tempestade no mar e não consigo sair dela, tem o barco e a tempestade é minha mãe, a separação dos meus pais,(...), não sei como lidar com isso*” (sic). Aqui percebe-se uma influência negativa de um possível Complexo Materno Negativo. Na trajetória do herói, percebe-se semelhanças com a qual “G” precisa agir diante da mãe que se apresenta muitas vezes como uma Medusa, que o petrifica e o impede de se desenvolver. Enquanto arquétipo da mãe devoradora, questiona-se a influência regressiva que aprisiona “G” ao comentar que não tem liberdade nem mesmo para usar seu próprio quarto, “*você não manda nem no que você dorme*” (sic). Outro recurso utilizado em “G” foi a modelagem, pelo barro. Este proporcionou a expressão dos conteúdos psíquicos, despertou o imaginário e permitiu possibilidades criativas de sentido. Por destes recursos e do método dialético, observou-se o desenvolvimento psicológico de “G”, maior compreensão de si e das relações com o mundo interno e externo.

Palavras-chaves: Psicologia Analítica; Recursos Expressivas; Complexo Materno; Método Dialético.

Técnicas Expressivas no ambiente hospitalar, num olhar analítico: a caixa de ícones simbólica

Andressa Clara França
Mariana do Pilar Roda Dias
Talita Fabiele Karasinski

O presente relatório de Estágio Supervisionado IV em Psicologia Hospitalar, realizado no decorrer do segundo semestre de 2016 em um Hospital Geral na cidade de Curitiba, teve como objetivo descrever as atividades e correlações com a prática do profissional de psicologia em contexto hospitalar, assim como demonstrar as inúmeras possibilidades de atuação e desenvolvimento, com os pacientes e equipe de saúde. Ao longo do semestre, concentramos as intervenções em atendimento de leitos e a utilização da caixa de ícone. Para a correlação e compreensão dos atendimentos, foram pesquisados artigos sobre o olhar dos profissionais sobre os hospitais, utilização de técnicas expressivas e a doença em seu viés simbólico. O trabalho foi estruturado com um breve relato dos encontros, e ao longo da fundamentação teórica, foram feitas correlações com os atendimentos. Pode-se concluir que o desenvolver do olhar crítico do profissional responsável pelo bem-estar de alguém, pelo acadêmico de psicologia, possibilita um olhar integrativo, deixando de ver o homem com o diagnóstico que apresenta, passando a percebê-lo em sua integridade e incluindo seus inúmeros papéis. Um dos seus papéis é conseguir lidar com o aqui e o agora, se deparar frequentemente com o inusitado, com o imprevisto e ainda assim conseguir ampliar a sua função.

Palavras-chave: Psicologia Hospitalar; Atendimento ao Leito; Caixa de Ícones.

O Tempo: Chronos, Kairós, Aion

Bárbara Luckow Leviski
Maribel Pelaez Dóro
Gisele Accioly
Keila Zampirom
Iris Miyake Okumura

A intervenção do psicólogo ocorre em múltiplas facetas, e em todas elas faz-se essencial compreender o tempo em que o paciente se encontra, considerando: Chronos como aquele que designa a linearidade e mede as batidas do relógio, externo à psique e que nos situa no coletivo; Aion como o tempo que simboliza o movimento cíclico da vida e se baseia nas mudanças existentes; Kairós, que se manifesta no momento certo e permite que a mudança ocorra. Nesse sentido, objetiva-se fomentar reflexões acerca da temática. Revisão narrativa através da busca e análise de literaturas que embasam o tema e o entrelace desta com relatos de pacientes oncológicos em um hospital universitário. A compreensão destes conceitos auxilia na prática do psicólogo independente de sua área de atuação. A partir da disponibilidade tanto do tempo de Chronos, Kairós e Aion do analista quanto do paciente, é possível compreender o momento de vida de cada um. Este tempo é importante para ambos, pois quando respeitado, auxilia a perceber situações que no momento ainda se encontravam nebulosas, abrindo novos caminhos de passagem. Cada paciente apresenta particularidades no seu modo de perceber e olhar para a real condição de saúde. Mediante esta atualização, cada um demonstra uma capacidade maior ou menor de encontrar seu próprio tempo para relacionar-se de forma verdadeira com as pessoas a sua volta, com a vida e consigo mesmo.

Palavras-chave: Tempo; Chronos; Kairós; Aion.

Sonhos Recorrentes, Complexos e o Grupo Vivencial

Bruna Piekarski
Carlos Augusto Serbena

Para Carl Gustav Jung, um complexo é um aglomerado de representações unidas por uma tonalidade afetiva. A dissolução de um complexo e sua conscientização proporciona ao sujeito novas possibilidades de equilíbrio psicológico na medida em que ocorre a redistribuição da energia psíquica antes aprisionada ao complexo. Entende-se, no entanto, que não basta apenas que o sujeito saiba da existência de um complexo para que o mesmo seja dissolvido. Há a necessidade de compreender as formações e produções do conteúdo inconsciente para que o mesmo perca sua autonomia frente ao ego. Considerando o complexo como uma poderosa fonte de informações acerca de conteúdos inconscientes e suas cargas afetivas, e os sonhos como material passível de acesso a esses conteúdos, objetiva-se em futuramente analisar os sonhos recorrentes e marcantes para os sujeitos de um Grupo Vivencial de Sonhos a partir da Teoria dos Complexos, na Psicologia Analítica. Para tanto, procede-se à, inicialmente, explorar produções acerca da recorrência de imagens oníricas repetidas em situações de trauma e literaturas relativas à Teoria dos Complexos. A presente pesquisa encontra-se na fase inicial de exploração de dados, no entanto, observa-se que uma confrontação com os próprios complexos pode contribuir com ferramentas importantes para transformações psíquicas. Avalia-se que as imagens oníricas podem ser entendidas como tentativas de conscientização dos complexos do sujeito e que os sonhos recorrentes podem surgir como indícios de complexos não integrados, mas importantes, a emergência recorrente de tais sonhos na consciência opera como uma tentativa mais assídua de tal assimilação.

Palavras-chave: Sonhos; Psicologia Analítica; Grupo Vivencial; Complexos; Imagens Oníricas.

Grupo Vivencial de Sonhos com mulheres idosas no Núcleo de Convivência Comunitária de Pinhais

Camila de Andrade Vieira
Carlos Augusto Serbena

Este trabalho apresenta a realização de um grupo vivencial de sonhos com mulheres idosas, frequentadoras do Núcleo de Convivência Familiar e Comunitária do município de Pinhais – PR, de Junho a Setembro de 2017, inserido em projeto de pesquisa maior. Foi realizada a entrevista inicial com as participantes e os encontros de aproximadamente 90 minutos, foram gravados e transcritos. A maioria das mulheres apresentou dificuldades em lembrar seus sonhos, e uma visão idealizada dos sonhos, interpretando-os constantemente por um viés religioso. Essas mulheres, na maioria aposentadas e donas de casa, frequentam diversas atividades neste núcleo. O grupo de sonhos se tornou uma atividade a mais no espaço, causando curiosidade entre as mulheres, que a princípio entenderam a proposta de trabalhar os sonhos no sentido de conquistar desejos e objetivos de vida. Muitas mulheres trouxeram histórias de sofrimento na vida, contudo com vontade de se entender, ser melhor e ajudar ao próximo. O grupo evidenciou uma carência por atendimento terapêutico e a necessidade de abertura de espaços terapêuticos na comunidade. Porém, quanto à vivência com o conteúdo onírico, houve dificuldade, de modo geral, de entrar em contato com os sonhos e trabalhá-los em grupo. Analisando o processo, observa-se o foco no trabalho através de grupo de autoajuda, para que estas mulheres possam previamente passar por um processo de sensibilização e, então, encontrarem mais sentido na observação de seus sonhos e utilizá-los como ferramenta de autoconhecimento, pois as demandas de sua existência operam com foco no mundo externo e na extroversão da libido.

Palavras-chave: Psicologia Analítica; Sonhos; Idosos; Grupo Vivencial.

O labirinto de Dalí: um olhar sobre a metanoia

Camila Marochi Telles
Pedro Alberton Perússolo
Felipe Ferreira
Felipe Dable

Este trabalho tem por objetivo analisar o quadro *O Labirinto*, de Salvador Dalí, relacionando-o com o período da metanoia na perspectiva junguiana. A obra foi analisada como o retrato de um indivíduo na meia-idade, período em que se vê envolto à introspecção da finitude. Entre aspectos luminosos e sombrios, no seu peito, encontra-se uma árvore e logo abaixo, há um portal que o liga ao plano sombrio. O indivíduo se mostra como um divisor entre a luz, à sua frente, e a escuridão, à suas costas. Seu corpo é iluminado e sua cabeça retraída num olhar introspectivo ao portal, permitindo a visualização de uma rachadura em sua cabeça. Na metanoia, o indivíduo da obra vivencia o dualismo entre a sua grande persona edificada e os intensos conteúdos sombrios que emergem ao seu redor e do seu diafragma. Enraizada no portal, surge uma árvore semeada por esse redirecionamento do olhar do indivíduo; podendo assim, simbolizar seu renascimento. A rachadura no alto de sua cabeça representa o sacrifício sentido pelo ego no processo de individuação. Sendo assim, a pintura retrata um indivíduo genérico no período da metanoia, na busca do religar-se ao Si-mesmo. Todavia, quando a iminência de erguer a cabeça o ego poderá ver o universo com outros olhos, unificando os opostos do labirinto da vida.

Palavras-chave: Metanoia; Salvador Dalí; Jung.

A Jornada do Herói nos Sonhos a partir de Grupos Vivenciais

Camila Sydol
Carlos Augusto Serbena

O contato com as imagens míticas e arquetípicas dos sonhos proporciona uma significação para a vida do sonhador, assim como a construção de sentido existencial. Considerando a importância do contato com as imagens oníricas, o modelo de grupos vivenciais revela-se enriquecedor, pois é capaz de multiplicar as perspectivas de contato com o sonho, assim como o potencial arquetípico e cultural. Desse modo, criar uma articulação com a Jornada do Herói possibilita a expansão das técnicas a serem utilizadas nos grupos vivenciais, bem como um melhor aproveitamento pelos integrantes do grupo, devido ao fato de o Herói ser o arquétipo que possibilita novas atitudes egóicas em direção ao equilíbrio dos conflitos psíquicos. Portanto, objetiva-se relacionar o conteúdo das imagens oníricas com as fases da Jornada do Herói descritas por Joseph Campbell. Para tanto, procede-se à descrição, a identificação das fases mais recorrentes no relato do sonhador e, por fim, a compreensão do contato do sonhador com as imagens oníricas identificadas. A análise será realizada por meio das entrevistas e encontros dos grupos vivenciais realizados entre os anos 2015 e 2017 pela Universidade Federal do Paraná. Desse modo, observa-se que existem similaridades entre os temas propostos, o que permite concluir que a correlação do Mito do Herói com a estrutura do sonho possibilita uma técnica estruturante para o trabalho com sonhos, com a finalidade de promover a saúde mental.

Palavras-chave: Psicologia Analítica; Herói; Sonhos; Grupo Vivencial; Mito.

Uma compreensão dos transtornos alimentares sob o viés da Psicologia Analítica

Carla Zafalon Gouveia
Carlos Augusto Serbena

Considerando que os quadros de transtornos alimentares têm ganhado notoriedade, por conta de sua grande recorrência e relevância, e levando em conta a conjuntura atual que colabora para a incidência desses adoecimentos, faz-se importante o estudo e compreensão dos quadros a partir de um olhar da Psicologia, em especial a Psicologia Analítica. O objetivo deste estudo é analisar teoricamente a dinâmica psíquica destes transtornos com o viés da Psicologia Analítica. Para tanto, será feita uma revisão bibliográfica de alguns autores que se inserem nesta linha teórica a partir de uma perspectiva desenvolvimentista, como Michael Fordham e Donald Kalsched. O estudo do desenvolvimento nos auxilia a compreender o processo de formação e fortalecimento do ego e diferenciação entre si mesmo e o outro, distinção entre mundo interno/externo, assim como o processo de amadurecimento do Self. Ocorre que, em alguns casos, esse processo de amadurecimento é interrompido, devido a uma situação traumática. O indivíduo, após um trauma, tem sua psique fragmentada. Uma parte do ego progride e sobrevive enquanto “falso eu” e a outra parte regride ao período infantil. O sistema de autocuidado da psique age de maneira “equivocada” e energias agressivas e destrutivas são direcionadas ao mundo interior, por meio de atos auto agressivos. Contudo, a regressão é tamanha que atinge o Self a nível corporal. Essa somatização é um processo de simbolização que ocorre no plano somático. Conclui-se, portanto, que os sintomas dos indivíduos que apresentam quadros de transtornos alimentares podem ser compreendidos neste processo de simbolização pelo corpo, decorrente de uma fragmentação da psique.

Palavras-chave: Transtornos Alimentares; Psicologia Analítica; Desenvolvimento; Trauma.

Complexo cultural – uma revisão de literatura

Cauan Esplugues Silva
Carlos Augusto Serbena

O conceito pós-junguiano de Complexo Cultural, proposto por Samuel Kimbles e desenvolvido também por Thomas Singer, busca propor uma forma de análise, a partir da psicologia analítica, sobre os fenômenos grupais que estão vinculados principalmente aos conflitos que envolvem questões de gênero, etnia, religião, entre outros. Os autores entendem que este conceito é apenas um apêndice à teoria junguiana dos complexos, ampliado à questões que envolvem a cultura. Como um conceito em construção, é importante mapear as suas produções acadêmicas, bem como suas características, temáticas e especificidades. O objetivo do presente trabalho é realizar mapeamento das produções acadêmicas sobre complexo cultural. Revisão sistemática de literatura utilizando os termos: complexo cultural (*cultural complex*); complexo cultural e Thomas Singer; complexo cultural e Samuel Kimbles; complexo cultural e Jung. As bases de dados consultadas foram Ebscohost, CAPES, *Google Scholar*, SCOPUS, WILEY, além da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e Networked Digital Library of Theses and Dissertations para busca de teses e dissertações. Resultados: Foram encontrados 51 produções acadêmicas, sendo: 29 artigos, 6 livros, 14 capítulos de livros, 1 trabalho em anais de congresso e 1 tese. Destas, 49 estão em inglês e 2 em português. Entre 2000 e 2009 houve 19 produções e entre 2011 e 2017 houve 32. As temáticas discorrem sobre etnia, trauma cultural, descrição de complexos culturais em diferentes países, política, entre outros. Conclusão: Os dados obtidos são parciais, pois a pesquisa encontra-se em andamento, estando vinculada à dissertação de mestrado com conclusão prevista para 2019.

Palavras-chave: Complexo Cultural; Psicologia Analítica; Revisão; Grupos; Cultura.

Comportamento alimentar e fatores emocionais em paciente pós-cirurgia bariátrica

Cristiane de Souza Matos
Luiza de Avelar Paula
Rosana Bento Radominski
Maria do Desterro de Figueiredo

Obesidade é uma doença crônica que causa graves prejuízos na saúde física e emocional. O objetivo desse estudo é compreender como fatores emocionais e a insatisfação da imagem corporal, podem levar a comportamentos alimentares inadequados, tendo como consequência o reganho de peso mesmo após o procedimento bariátrico. Para tal compreensão, foi realizado um estudo de caso com paciente em acompanhamento médico, no Centro Médico do Serviço de Endocrinologia e Metabologia do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná - SEMPR. Para a avaliação dos episódios de compulsão alimentar, foi utilizado o instrumento BES – Binge Eating Scale, e o instrumento BSQ – Body Shape Questionnaire para avaliar os níveis de insatisfação com a imagem corporal, juntamente com entrevistas clínicas semiestruturadas e de livre estruturação. A análise do caso corrobora com as informações coletadas no levantamento bibliográfico, mostrando que as insatisfações com a imagem corporal e a busca do equilíbrio emocional por meio da ingestão calórica podem levar ao reganho de peso após o procedimento bariátrico. A paciente analisada, após oito anos de cirurgia bariátrica, apresentou critério grave para CAP – compulsão alimentar periódica, insatisfação da imagem corporal moderada, perfil beliscador com ingestão calórica em pequenas porções e a presença de buscas por alimentos em situações emocionais negativas, com reganho de peso. A perda de peso pós-cirúrgica não foi significativa, sendo de 31 kg e 22% do peso total inicial. Fazem-se necessárias maiores investigações sobre a relação da ingestão calórica e as necessidades emocionais em pacientes pós-bariátricos.

Palavras-chave: Alimentação Emocional; Cirurgia Bariátrica; Reganho De Peso.

Grupo de apoio psicológico a mulheres obesas sob a perspectiva analítica

Cristiane de Souza Matos
Milena Kapp Sedor
Maria do Desterro de Figueiredo

Na população de obesos há intenso sofrimento psicológico, associados à baixa autoestima, pensamentos depreciativos, dificuldades relacionais, descontrole alimentar e preconceito social. Há escassez de grupos terapêuticos para esses indivíduos, principalmente no viés da Psicologia Analítica. Com o intuito de proporcionar um espaço de acolhida e reflexão terapêutica, foi criado o Grupo de apoio psicológico a obesos (GAPO), organizado pelo LATOS – Laboratório de Transtornos Alimentares, Obesidade e Saúde Mental da FAE. Os encontros são quinzenais no Serviço de Psicologia, com mulheres adultas que estejam na condição de sobrepeso ou obesas e que tenham uma relação emocional com o comer. São utilizados recursos expressivos, tais como desenhos projetivos e uso de miniaturas para a reflexão do grupo. Para a compreensão do perfil do grupo são utilizados as Escala: BES (*Binge Eating Scale*), BAI (Inventário de Ansiedade de Beck), QUATI (Questionário de Avaliação Tipológica), BSI (Escala de ideação Suicida), juntamente com a entrevista clínica. Até o momento pode-se observar maior reconhecimento das emoções e dos conflitos inerentes à função emocional dirigida ao alimento. As participantes relatam maior compreensão, por meio da identificação projetiva com as demais integrantes, reconhecendo que existem pessoas que tem problemas semelhantes. Buscam novas formas de lidar com a condição corpórea e relação emocional com o alimento. Grupos vivenciais e reflexivos ampliam e contribuem para amenizar o sofrimento psicológico em mulheres obesas.

Palavras Chaves: Grupos De Apoio; Psicologia Analítica; Obesidade.

A areia como fundação da psique e conteúdo central do sandplay

Cristiane Luchese de Moraes e Silva

A areia carrega em si toda a história da humanidade. Desde a origem da Terra é possível encontrar sua presença. No *sandplay*, a areia é o conteúdo central e seu manuseio possibilita emergir imagens das profundezas do mundo interno. A areia está contida numa caixa com características específicas e o método de *sandplay* cria um espaço livre e protegido. Quando os conteúdos são expressos com e através da areia é denominado de construção de um cenário. Essa confecção de um cenário é, em si, um ato formador e criativo. A transposição dos complexos ou conflitos psicológicos do mundo interior e imaterial para o mundo exterior e concreto torna-se simbolicamente objetivado, através da imagem na areia. Isso parece causar uma mudança na dinâmica interna, como se algo movesse e liberasse o impasse psicológico. Ou seja, muitas vezes algo que, à primeira vista parece ameaçador, quando relacionado ao ego e a ele integrado, assume um aspecto intensificador de vida, fonte de criatividade. O objetivo desse material é examinar através do *sandplay* alguns fatores que auxiliam no movimento da psique na areia, assim como alguns componentes que influenciam a capacidade de promover a mudança. Inicialmente veremos a natureza geral da areia, depois as diferenças entre a areia seca e molhada, o relacionamento que se estabelece entre paciente, areia e água. Por fim, as características de transformação, quando a areia pela sua natureza, estrutura e plataforma, configura substrato essencial da psique, a base de sustentação para o ego.

Palavras chave: Psicologia Analítica; *Sandplay*; Natureza Da Areia; Imagem Na Areia.

Jung no espaço acadêmico: um mapeamento da produção com referencial teórico junguiano

Daniel Costa Vianna Mucciolo

O presente trabalho tem o intuito de realizar um levantamento sobre os trabalhos de conclusão de curso com a temática ou referencial da psicologia analítica nas pós-graduações *stricto sensu* das universidades brasileiras. A metodologia constitui-se da coleta e quantificação de dados de teses e dissertações disponíveis no banco de teses da Capes. Os trabalhos acadêmicos selecionados para análise foram resultantes da busca no site das pesquisas envolvendo as seguintes buscas: “Jung”, “Psicologia Analítica” e “Psicologia Junguiana”. Foram excluídas as dissertações e teses que não contemplavam a temática, restando um total de 155 trabalhos. A análise se constitui de trabalhos referentes ao período de 2012 a 2016, recorte realizado devido à limitação técnica das informações disponíveis no site da Capes. Apesar do recorte temporal, os resultados da análise dos dados são de grande valia, pois apresentam um panorama das temáticas mais pesquisadas e identificam as universidades que mais produzem com o referencial teórico da psicologia analítica. Dentre as palavras-chave mais recorrentes foram encontradas: Psicologia Analítica, Individuação, Arquétipo(s), Psicologia Junguiana, Mito, Símbolo, Feminino, Carl Gustav Jung, Imaginário, Psicologia e Arteterapia. Nas universidades com programas de pós-graduação de Psicologia foram encontrados pelo menos uma pesquisa em apenas 16,1% delas, o que demonstra um certo distanciamento da teoria junguiana na área da Psicologia. Entretanto, foi possível constatar também a forte influência da obra de Jung em outras áreas de conhecimento com trabalhos nos campos do saber das: Letras, Ciências da Religião, Comunicação e Educação.

Palavras-chave: Pós-graduação; Psicologia Analítica; Pesquisa.

Reflexões sobre a Psicologia Analítica no Contexto da Psiquiatria Moderna e na Contemporaneidade

Elisângela Sousa Pimenta de Pádua
Carlos Augusto Serbena

A abordagem teórica da Psicologia Analítica insere-se na Era da Psiquiatria Moderna autenticando uma perspectiva psicogênica das doenças mentais, em contraposição à clássica perspectiva organogênica da psiquiatria tradicional. Advém do movimento psicodinâmico que se fundamenta na hipótese do inconsciente como elemento fundamental para a compreensão das psicopatologias. Entretanto, devido às influências teóricas e históricas, Carl Gustav Jung, autor de referência da Psicologia Analítica, amplia a visão sobre o inconsciente, considerando-o como filogenético. Elabora seu constructo teórico inconsciente coletivo que possibilita uma perspectiva simbólica e hermenêutica das psicopatologias, diferenciando-se assim da tradicional visão psicanalítica da psique. A Psicologia Analítica estrutura-se como um campo teórico sobre a psique e, em seu desenvolvimento, recebeu influência de diversas linhas de pensamento filosófico e psicológico. Isto favoreceu a formação de Escolas teóricas, sendo elas: Escola Clássica, Escola Desenvolvimentista e Escola Arquetípica. Estas apresentam ferramentas de pensamento e atuação para o psicólogo desta abordagem, refletem sobre as lacunas e possibilidades da teoria clássica e avançam em estudos contemporâneos. Atualmente, é discutível o estabelecimento de escolas dentro do campo da Psicologia Analítica, sendo elas consideradas como construção teórica que demonstram as diferenças, os limites, as possibilidades, as falhas e as contradições entre os autores teóricos da abordagem. O que prevalece é o pensamento principal de Jung: a psique é complexa, múltipla em perspectivas e dinamismos.

Palavras-chave: Psicologia Analítica; Psiquiatria Moderna; Psicopatologias; Psicogênese; Escolas Teóricas;

A paternidade em casais homoafetivos: uma visão Junguiana

Fabio Pipelmo Cavale
Julieta Haddad
Luna Gimenez
Michel Fillus
Raissa Goes

A paternidade, mais do que nunca, precisa ser discutida por causa dos desdobramentos vividos no contexto atual. É pujante a necessidade de o pai ser tratado no cenário psicológico com a devida importância, talvez ainda não muito reconhecido ou considerado quando das produções em psicologia do desenvolvimento, tal como a mãe. A contemporaneidade exige novas posturas e olhares diante de temas que pareciam imutáveis ao longo do tempo. O objetivo deste trabalho é de compreender o fenômeno da paternidade em casais homoafetivos a partir do referencial da Psicologia Analítica. O método constitui-se de uma pesquisa bibliográfica, cujos excertos foram selecionados para descrever a experiência de casais homoafetivos, quando das experiências de paternidade. Para tanto, foram pesquisados artigos e conteúdo na internet. Foi constatado que a vivência das dinâmicas maternas e paternas, parecem não ter relação com o sexo biológico, podendo vivenciar-se o materno e o paterno em um mesmo indivíduo. As implicações que a homossexualidade traz para a parentalidade apareceram muito mais relacionadas ao âmbito social. Assim, parece que a peculiaridade estaria mais relacionada ao impacto do social dessa nova configuração do que ao processo de individuação de cada membro da família.

Palavras-Chave: Paternidade; Psicologia Analítica; Homossexualidade; Homoparentalidade.

Psicopatologia na adolescência: contribuições à luz da psicologia analítica

Fernanda Vieira
Juliano Maluf Amui

O presente trabalho pretende compreender através da Psicologia Analítica o perfil do adolescente, os significados simbólicos dos comportamentos ocorrentes nessa fase do desenvolvimento humano, bem como os processos coletivos e individuais que o sujeito vivencia dentro de sua estrutura psíquica, compreendendo a linha tênue que distingue o que é normal e patológico dentro deste momento de vida. Pode ser observado que as patologias e psicopatologias estão surgindo com uma relevância significativa nesta fase do desenvolvimento, o que nos leva ao questionamento frente ao que de fato é uma transição normal nesse processo e o que é anormal, necessitando assim de um aparato químico (intervenção farmacológica) para que o jovem possa reestruturar-se internamente e de fato conseguir trilhar sua jornada, rompendo de forma adequada com a estrutura infantil que foi formada para poder voltar-se ao universo adulto de forma saudável, tanto para ele quanto para a sociedade. O que socialmente irá distinguir o normal ou patológico nesta fase, é se o adolescente desenvolve ou não uma doença, mas, por trás de diagnósticos, existe uma indústria que tem lucros com a comercialização dessas patologias. A reflexão que se pretende fazer é até que ponto nossos adolescentes estão passando por um processo que os patologiza, ou, nossas indústrias necessitam que eles adoçam?

Palavras-chave: Adolescência; Família; Herói; Psicopatologia; Psicologia Analítica.

A Alquimia Da Doença

Francieli de Fatima Otto
Renata Cunha Wenth

Fragilidade e contato com a essência da mortalidade humana. Uma doença e sua descoberta colocam o ser humano diante dessas e de tantos outros aspectos da alma humana. De modo subterrâneo, os sintomas da doença propiciam um chamado para que o sujeito se relacione com seu organismo, o convidando também para possíveis e importantes transformações psíquicas. De início, um período noturno e nebuloso, angustiante, no qual a sensação de abandono e impotência frente à vida são fatores relevantes. O confronto torna menos assustadora a descoberta, possibilitando o paciente a enfrentar seus temores e a fazer novas descobertas sobre si mesmo. Isto pode proporcionar um novo sentido da doença e do adoecer à vida. Desta forma, percebe-se que estar doente não apenas pode aniquilar a liberdade, o corpo e a vida, mas pode proporcionar fases psíquicas que indicam processos transformativos relevantes. Estas fases psíquicas indicativas de transformação são análogas aos estágios e operações do processo alquímico. O adoecimento pode ser encarado como um *opus* alquímico na vida do paciente, o incitando a enxergar e vivenciar mudanças que começam a acontecer a partir do escuro da *nigredo*. Com o tempo, a luz branca da *albedo* faz presente, no entanto, a ação que efetiva a transformação ocorre na fase da *rubedo*. Após todo este período de reforma íntima, descobertas, reflexões e atitudes por fim chega-se ao seu “ouro” alquímico.

Palavras –chave: Psicologia Analítica; Alquimia; Doença; Transformação.

O Transtorno Depressivo e a Psicologia Analítica

Gustavo Bianchini Porfírio

O presente trabalho busca, através de uma revisão bibliográfica da obra completa de Carl Gustav Jung e de seus contemporâneos, proporcionar uma melhor compreensão sobre como a Psicologia Analítica aborda o Transtorno Depressivo, o qual afeta cada vez mais pessoas no mundo todo, demonstrando assim a necessidade de pesquisas sobre o tema. Tal revisão foi feita através da análise de trechos da obra de Jung e de metáforas desenvolvidas pelos seus seguidores. Também se utilizou do estudo do personagem Hulk, criado e editado pela *Marvel Comics* nas suas histórias em quadrinhos. A depressão para a Psicologia Analítica é vista como um estágio embrionário, um momento em que a pessoa se vê presa diante da sua energia psíquica reprimida e é caracterizada pela introversão. Denotando assim uma cisão entre o consciente e o inconsciente, uma inflação do ego. Vê-se então que o objetivo do processo terapêutico é a reintegração dessa energia reprimida à consciência, através de um diálogo com seu inconsciente. Isso pode trazer maior autonomia à pessoa e possibilitar a mesma que veja novas possibilidades para a sua vida, trabalhando em conjunto com seu inconsciente, não esperando que ele o sirva, mas o servindo.

Palavras-chave: Depressão; Psicologia Analítica; Introversão; Inconsciente.

A alma do Oráculo virtual na cultura ocidental

Helton Marculino de Souza

Seja em dúvidas simples do cotidiano ou na pesquisa de bibliografia científica, a empresa Google apresenta-se atualmente como uma das ferramentas digitais mais utilizadas no mundo, sendo classificado como o Oráculo do século XXI. Em diversas culturas nota-se a consulta ao Oráculo intermediada por rituais, compreendendo a consulta ao Oráculo como um complexo cultural. É possível aproximar o Google da antiga cultura Chinesa de consulta ao Oráculo, que se utilizava de trigramas e hexagramas, isto é, combinação de três ou seis linhas contínuas ou interrompidas. Estes trigramas e hexagramas compunham um livro de consulta cuja forma codificada de comunicação foi traduzida em palavras e compilada no conhecido livro: “I Ching, O Livro das Mutações” surgido antes da dinastia Chou (1150-249 a.C). Quanto à codificação do Google, esta se refere ao seu algoritmo de assimilação de palavras que se expressa em uma linguagem acessível a nós, como textos e imagens em bancos de dados virtuais. Tendo em vista estes aspectos, objetiva-se discutir analogias e diferenças entre papel do Google e do Oráculo, por meio das perspectivas junguiana e pós-junguiana. Neste sentido, cabe ao psicólogo fundamentado em uma escuta embasada na teoria dos arquétipos, compreender mais sobre o complexo cultural, pois possibilita um olhar diferente para os fenômenos sociais e amplifica a compreensão de fenômenos pessoais. Encarar a tecnologia como almada, segundo a proposta de James Hillman no livro “Cidade & Alma”, implica assim em entender o que o homem deseja com a criação e consulta deste Oráculo agora em vias digitais.

Palavras Chave: Oráculo; Alma; Google; Complexo Cultural;

O suicídio e a clínica das imagens

Helton Marculino de Souza
Lunalva Fiuza Chagas

Atualmente o índice de suicídio supera os de AIDS e câncer e, segundo a Organização mundial de Saúde, nove a cada dez casos de suicídio poderiam ser prevenidos. A psicologia, assim, possui grande relevância para o acolhimento diante da demanda ligada ao suicídio. Tendo em vista estes aspectos, objetiva-se discorrer sobre a atuação profissional do psicólogo neste cenário em uma perspectiva da Psicologia Arquetípica. Trata-se de um estudo teórico que foi empreendido por meio da consulta a obras clássicas de James Hillman, tais como “Psicologia Arquetípica”, “Suicídio e Alma”, “Re-vento a psicologia”, “O mito da análise” e “O sonho e o mundo das trevas”. Por meio da análise, percebeu-se que, no que diz respeito ao campo da psicoterapia, destaca-se a necessidade do psicólogo entrar em contato com o tema do suicídio em seu íntimo, para que possa estar atento à dinâmica transferencial e contratransferencial do *setting* terapêutico. Além disso, deve estar disposto a ir ao encontro de Hades, isto é, entrar em contato com o inconsciente, conforme propõe Hillman. A Psicologia Arquetípica, como sendo uma psicologia das imagens, se dispõe a ficar com a imagem. Compreende, assim, imagem como a expressão total do fenômeno, seja esse um comportamento suicida ou desejo declarado pelo suicídio. Entende-se, nesta vertente, que acolher os afetos que circundam a fantasia de suicídio é permitir que a energia que se encontra demasiadamente em uma polaridade do complexo seja acolhida, haja vista que ouvir o sintoma é dialogar com a alma, aspecto a ser considerado pelo clínico.

Palavras Chave: Suicídio; Imagem; Alma; Psicologia Arquetípica; Psicoterapia.

Influências da Individuação e da Sombra para a dissolução de uma Persona inflada

Igor Luige dos Santos Andretti

De acordo com o psicólogo suíço Carl Jung, criador da Psicologia Analítica, para o desenvolvimento de uma personalidade se faz mister que as vicissitudes o indivíduo atravessasse o processo de individuação. Este como sendo uma característica inata do psiquismo humano que se define por sendo a busca pela auto realização de si. Acontecendo de forma simultânea a esse processo, todos os indivíduos tomam proveito de uma persona, uma “máscara” que cada um se utiliza para a boa convivência em grupos, um arquétipo que serve para refrear os mais íntimos dos desejos humanos, visto que alguns seriam seriamente rechaçados pela sociedade caso satisfeitos. Se uma persona se identificar totalmente com o eu de uma psique, ela se “infla”, e a autenticidade de alguém se compromete se o mesmo representar com afinco esse papel. Quando o processo de Individuação ocorre de forma proveitosa no psiquismo, a sombra de uma pessoa (sua natureza animal, que ocasionalmente age de forma instintiva e inconsciente sobre seus comportamentos) auxilia a dissolução de uma Persona inflada, visto que a sombra, também composta de ímpetos criativos, inspirativos e extremamente autênticos, pode “quebrar” a barreira que a fachada de uma Persona inflada criou e, por fim, a restabelecer de forma vantajosa. O presente estudo se pautou na leitura e na interpretação dos livros Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo e O Eu e o Inconsciente, ambos de Carl Jung, assim como em artigos adquiridos via internet, mais especificamente pela plataforma SciELO.

Palavras-chave: Psicologia Analítica; Sombra; Individuação; Persona; Inflação.

Análise onírica como recurso para atendimento psicológico ao paciente com câncer

Iris Miyake Okumura
Maribel Pelaez Dóro
Keila Zampirom
Bárbara Luckow Leviski

Os sonhos acessam conteúdos inconscientes que são expressos através de linguagem simbólico-metafórica. A mensagem onírica necessita ser clarificada. Ou seja, o material é trazido à consciência, promovendo autoconhecimento ao indivíduo. Realizaram-se oito atendimentos psicológicos a um paciente idoso diagnosticado com câncer de fígado metastático. As sessões ocorreram em ambiente hospitalar entre maio e julho de 2015. Além do relato e processo dialético da psicoterapia, utilizou-se o recurso do desenho. A abordagem teórica empregada foi a Psicologia Analítica. O paciente acreditava que os sonhos decorriam da fraqueza física, pois quando não conseguia comer, “enxergava a vida mais curta”. Relato do sonho: estava com 2 pessoas, ambos familiares, mas não reconheceu quem eram. Já dormiam e estavam amarrados sobre macas de tábua com 3 amarras. Havia 3 macas e a do meio seria a dele, cuja roupa de cama já estava posta. Uma das pessoas disse que partiriam em breve, mas para o paciente elas (as pessoas do sonho) não poderiam partir, porque havia pegado um serviço e os outros o ajudariam. A análise e associações decorrentes da imagem onírica sugerem que, simbolicamente, o número 3 representa a vida humana em ciclo tripartido: nascimento, crescimento e morte, este último representando o estágio atual vivenciado. A maca que deveria se deitar estava preparada, como se guardasse o seu leito. As amarras reforçam a ideia de imobilidade, uma energia estagnada em eterno estado inerte, tal como a morte. Em processo de finitude, os sonhos do paciente parecem indicar para o desfecho da vida e fechamento do processo de individuação.

Palavras-chave: Psicologia Hospitalar; Psico-Oncologia; Sonhos;

Transição de menina a mulher mitos e contos

Janaína Liz Aquino
Marina Oliveira de Carvalho
Juliano Amui Maluf

Mitos e contos contém símbolos que expressam os arquétipos da psique, sendo estes heranças do inconsciente coletivo proposto por Jung. Nesse sentido, podem ser considerados eternos na medida em que aparecem na trama psíquica de pacientes, como mostram estudos empíricos. O presente trabalho tem o objetivo de discorrer uma revisão literária sobre as fronteiras que permeiam a transformação de menina a mulher, que aparecem no mito grego “Core/Perséfone”, no conto francês/eslavo “Barba Azul” e o francês “A Bela e a Fera”. Após revisão da literatura em livros e artigos científicos, os conteúdos do mito e dos contos serão amplificados e relacionados com o processo de individuação da mulher. Essas histórias demonstram simbolicamente a morte da menina e o nascimento da mulher através da redenção do feminino, isto é, por meio do diálogo com o animus, da descoberta da natureza selvagem e da sexualidade. As personagens representam potenciais criativos da psique feminina prontos para serem constelados, que aparecem em sonhos e nas relações com os outros. São processos arquetípicos necessários ao desenvolvimento da mulher, por isso, estudos que os contemplam são fundamentais para a compreensão da dinâmica que envolve essa transformação. Visto que tal temática se destaca no contexto do trabalho clínico, a interlocução entre a pesquisa e a prática contribui para o processo de análise e individuação.

Palavras-chaves: Símbolos Arquetípicos; Individuação Feminina; Contos; Mitos.

O aspecto manipulador no dependente químico - A visão da Psicologia Analítica através do Trickster

Jhenifer Helena Andrade

De um interesse pessoal, a vontade e a curiosidade movem acadêmicos e incentivam a novas pesquisas. Assim, este artigo visa explorar o termo manipulação através de sua definição e o estudo deste aspecto dentro da dependência química, utilizando o personagem Walter White como exemplificação, que busca quebrar o mal e manipular a tudo e a todos visando benefícios para si, para então trazer ao aspecto manipulador o arquétipo do trapaceiro, *Trickster*. Com as pesquisas e explanações presentes, foi possível observar como a manipulação está presente na vida das pessoas e diretamente ligada à dependência química através de Walter White em *Breaking Bad*. Além de aprofundar no arquétipo do *Trickster* para observar o aspecto manipulador. Por fim, o trabalho colaborou no sentido de iniciar uma pesquisa de um aspecto importante e a presença deste numa área muito importante e crescente da população, os dependentes químicos.

Palavras-chave: Psicologia Analítica; Dependência Química; *Trickster*, Manipulação.

O Rapto de Perséfone e o Início do Processo Clínico Analítico

Jhenifer Helena Andrade

O presente trabalho pretende relacionar o mito do Rapto de Perséfone com o início do processo de Psicoterapia Analítica, expondo cada parte, apontando a relação entre Mitologia e Psicologia, apresentando os conceitos da Psicologia Analítica comuns ao mito e a este início do processo. Inicialmente, expõe-se o mito contemplando seus personagens, como Perséfone e o simbolismo de suas múltiplas facetas (Feminino, virgem, deusa tríade, Rainha, entre outros), assim como Hades e Deméter. Expõem-se os Arquétipos da Grande Mãe e a Criança Divina e a triplicidade Deméter-Perséfone-Hécate, com Perséfone convivendo com as duas ‘mães’ por parte do ano como alusão às estações do ano; a Energia Psíquica como forma de manter as estruturas da psique em movimento e equilibrando os opostos na busca da homeostase psíquica, como no eixo ego-self, importante para o conhecimento do Self, da percepção de si-mesma de Perséfone. A aproximação do mito com o início do processo é através das experiências do próprio Jung que, assim como Perséfone, desceu ao Inferno, conheceu conteúdos de seu próprio ser, trouxe à tona o seu lado escuro e o confronto com a Sombra na Nigredo, além da percepção de mudanças no processo de individuação do ser ao retornar deste Inferno. Explana-se também sobre a influência mútua de paciente e analista. Este trabalho possibilitou a percepção do quanto a Psicologia Analítica e a Mitologia Grega caminham na mesma direção, possibilitando a relação entre o mito do Rapto de Perséfone e o Início do processo de Psicoterapia Analítica.

Palavras-chave: Psicologia Analítica; Perséfone; Feminino.

O oriente na construção do saber psicológico analítico: uma análise parcial

João Victor Guimarães Maciel

Já é senso comum na psicologia que, entre suas raízes epistemológicas, há forte predominância de tradições de pensamento ocidental como o positivismo, o mecanicismo, o materialismo e o empirismo. Como alternativa à ortodoxia ocidental, algumas tradições do oriente oferecem ampla variedade de saberes para sustentar a terapêutica psicológica. Considerando-se que toda corrente de pensamento tem suas limitações, é plausível que os saberes orientais agreguem ao racionalismo e ao empirismo científico todas aquelas facetas do ser humano que em geral não foram devidamente pensadas. Nesta lógica, merecem destaque alguns pensadores que se destacaram por ir além do paradigma que sustenta a grande maioria das escolas de psicologia, dentre eles, Carl Gustav Jung e Samael Aun Weor. Dado a pouca consideração científica no fenômeno do oriente e suas influências na construção de alguns saberes ocidentais, buscou-se investigar mais acuradamente estas relações. Esta pesquisa se utiliza de pesquisa bibliográfica já produzida sobre o tema. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que pretende delimitar a coleta de dados especificamente da abordagem analítica da psicologia, da corrente Gnóstica Contemporânea e das influências dos saberes orientais em geral, estabelecendo um contraste com algumas raízes epistemológicas do saber científico ocidental. Os resultados obtidos parcialmente até então dizem respeito à apresentação das marcas deixadas por correntes de pensamento orientais na obra de alguns pensadores ocidentais como Heidegger, Schopenhauer, Hegel e Nietzsche. Em um primeiro momento, a pesquisa se dará em uma panorâmica mais ampla, abrangendo as contribuições orientais aos ocidentais, para posteriormente realizar-se o aprofundamento à Psicologia, quando então destacar-se-ão as influências destes saberes sobre os pensamentos de C. G. Jung e de Samael Aun Weor.

Palavras-chave: Gnose; Psicologia Analítica; Oriente; Ocidente; Epistemologia;

Um Boneco de pau ganhando vida: o recurso desenho no atendimento psicológico a criança

Keila Zampirom
Maribel Pelaez Dóro
Bárbara Luckow Leviski
Iris Miyake Okumura

O desenho é uma das técnicas de aprofundamentos dos símbolos, a sua comunicação simbólica transmite conteúdos inconscientes do sujeito. Realizaram-se treze atendimentos ao paciente Lucas (nome fictício), 11 anos, diagnosticado com Anemia Aplástica Constitucional em maio de 2016, na internação do Serviço de Transplante de Medula Óssea do Complexo Hospital Universitário em Curitiba. Utilizou-se a técnica da entrevista semiestruturada com a cuidadora responsável e o recurso psicoterapêutico dos contos de fada associado ao desenho com o paciente. Na sequência da narrativa do conto escolhido – Pinóquio, Lucas demonstrou insegurança em desenhar e tentou reproduzir a figura do Pinóquio desenhada no livro. Assim, desenhou a cabeça, tronco e membros superiores do personagem, mas ficou insatisfeito. Em outra folha, desenhou novamente o Pinóquio com as mesmas partes do corpo do boneco feito anteriormente, porém sem ser cópia. Na entrevista a mãe relata que há três anos o filho foi abusado sexualmente no espaço familiar, esse assunto não é mais discutido na família e acredita que o filho já tenha esquecido. No inquérito do desenho, Lucas relata que o boneco se encontra no hospital. Nos desenhos observou-se dificuldade em desenhar o tronco inferior, em que pode estar relacionado ao histórico do abuso sexual, algo que o repulsa, é experimentando como impuro, e demarca um corpo assexuado. Ambos os desenhos estão com rabiscos acentuados nos ombros, denotando maior pressão, o que pode indicar tensão e conflito. O boneco de pau se torna mensageiro dos conteúdos psíquicos mediante o recurso do desenho na intervenção psicológica.

Palavras-chave: Criança Hospitalizada; Desenho; Psicologia Analítica.

Psicoterapeuta: sem uniforme nem avental

Lilian da Silva Loureiro
Noely Montes Moraes
Fernanda Menin
Milena Guarniere

O objetivo da apresentação é refletir sobre o exercício da psicoterapia hoje, lembrando os fundamentos arquetípicos e apontando as adequações necessárias frente às novas questões trazidas pelos pacientes. Foi realizado levantamento de artigos abordando o tema e consultadas obras sobre as bases arquetípicas da psicoterapia. O estudo apontou: 1. Que é possível alterar condições do contrato terapêutico, preservando o vínculo; 2. Que o terapeuta deve levar em conta as questões coletivas de seu tempo, deslocando seu foco para a sobrecarga do ego frente ao colapso das grandes narrativas; 3. Que o terapeuta deve contar com o fator transcendental como condutor do processo analítico.

Palavras-chave: Contrato Terapêutico; Curador Ferido; Função Transcendente; Inflação; Psicoterapia.

A alma ancestral brasileira representada por Macunaíma, o herói sem nenhum caráter

Luana Santos do Nascimento

O povo brasileiro descende da miscigenação de ameríndios, africanos e europeus, culturas com características próprias, diversas e complexas. A psicologia analítica, por meio da análise dos símbolos, subsidia a redescoberta do homem moderno e de seus conteúdos arcaicos presentes no inconsciente coletivo pelo viés mitológico. O objetivo do seguinte trabalho é ampliar a consciência sobre o homem brasileiro através do resgate de sua alma ancestral, por meio do mito Macunaíma: o herói sem nenhum caráter, mediante a análise simbólica na perspectiva analítica junguiana. Pesquisa bibliográfica narrativa exploratória. Mário de Andrade expressou um símbolo, Macunaíma, que revela à jornada do herói que busca sua alma, sua terra *brasilis*, um encontro com seu Self. Sua jornada aponta para angústia do homem brasileiro, pois olhar somente para fora representa o grande mal da sociedade brasileira, não saber para onde se está indo, tornando essa uma busca carente de sentido, já que não se tem consciência de sua potencialidade enquanto nação. Os mitos revelam símbolos estes que não podem ser esgotados, contudo permitem que conteúdos inconscientes sejam assimilados à consciência. Este trabalho possibilitou um olhar mais profundo sobre a alma brasileira e a obra *Marioandradina* permitiu um olhar facetado sobre um símbolo brasileiro, um herói sem características, sem base sólida que busca incessantemente o seu lugar de destaque.

Palavras chave: Alma Ancestral Brasileira; Macunaíma; Literatura.

O arquétipo da criança divina em Teresa de Lisieux: imaginação ativa e individuação

Lúcia Fátima Reolon dos Santos
Sonia Regina Lyra

Os manuscritos autobiográficos de Teresa de Lisieux revelam a amplitude de uma alma que alcançou alto nível de desenvolvimento, especialmente por se deixar moldar pela “voz interior” que a guiou ao longo de seu breve tempo de vida. A questão proposta por este artigo é investigar se seus diálogos interiores, (o desejo tornar-se criança e assim permanecer) podem ser considerados como experiência de Imaginação Ativa, dentro de um processo de individuação. Ao conceber tal possibilidade, procedemos à revisão de literatura em seus manuscritos e de seus comentadores. Teresa de Lisieux permite a leitura da construção de uma autêntica personalidade e do seu desenvolvimento pleno, processo este vivenciado, sobretudo, no silêncio e no recolhimento de tudo que é externo. Quanto ao conceito de processo de individuação conforme entendido por Jung, principia comumente na segunda metade da vida e conduz o ser humano a ser o que se é, pelo esforço individual, e com a ajuda de Deus ou de qualquer outro nome que se lhe queira dar. Numa rara exceção, Teresa vivenciou este processo desde a primeira infância e, em sua curta jornada heroica, chegou ao cume da montanha do Amor. Em suma, à plena comunhão com o si-mesmo.

Palavras-chave: Teresa de Lisieux; Criança Divina; Psicologia Analítica; Imaginação Ativa; Individuação.

O desafio heroico e a adaptação no tratamento hemodialítico

Luciane Kellen Puerari Pauli

Este trabalho pretende esboçar a correlação dos desafios enfrentados pelos pacientes que ingressam na modalidade de tratamento para a Doença Renal Crônica (DRC), estágio 5, denominada hemodiálise, a terapia mais utilizada no Brasil, em relação à Jornada do Herói proposta por Joseph Campbell (1997). Para tanto, procedeu-se ao aprofundamento do tema via pesquisa bibliográfica, sendo coletados os dados em livros, artigos e sites de pesquisa científica. Ao receber a prescrição da necessidade do tratamento por motivo deste grave adoecimento, o paciente é Chamado à Aventura, depara-se com várias situações estressantes e é comum que ele se sinta impelido ao confronto com o maior inimigo: a morte. Diante dela encontram-se diferentes possibilidades de reação, desde o acionamento do arquétipo do herói até a entrega à ameaça (suicídio passivo). Compreende-se que, através da intervenção psicológica, seja possível auxiliá-lo a conhecer os processos que se desenrolam em sua psique, sendo ela um dos suportes necessários à jornada que envolve: percorrer novos conhecimentos, desenvolver novas habilidades, suportar situações de desespero, buscar aliados, confrontar-se com inimigos poderosos, vencer desafios e encontrar um tesouro precioso em Si Mesmo. Com isto, retornar ao lugar comum, porém, transformado. Elucidando as aproximações entre a Jornada do Herói e o ingresso na hemodiálise, entende-se que é possível relacionar a teoria com a experiência dos pacientes e, além disso, discutir esta metáfora com os profissionais envolvidos, buscando assim novas possibilidades de compreender este momento crucial na vida dos envolvidos, ou seja, a adaptação ao tratamento.

Palavras-chave: Hemodiálise; Jornada do Herói; Adaptação.

Atividade de argila como dispositivo terapêutico em Saúde Mental: relato de experiência da Arte Terapia em um Clínica Psiquiátrica

Luisa de Siqueira Rotenberg
Cândida Luciano

A Arte Terapia é um método fundamentado no uso de diversas expressões artísticas para fins terapêuticos. Dentro deste método, o trabalho com a argila, sendo manual, funciona como uma ponte entre o mundo psíquico e a realidade material, na qual o sujeito cria uma imagem que carrega energia, desejos e impulsos simbólicos do criador. A atividade com argila possibilita um espaço de expressão livre e espontânea do indivíduo, em produções de grande valor simbólico. Como, muitas vezes, indivíduos com transtornos mentais têm dificuldade em elaborar conceitos abstratos, o manejo da argila aparece como instrumento no processo de individuação destes, de modo que um ser se torna uma unidade pela integração consciente de seus aspectos inconscientes. Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência da aplicação da atividade de argila como forma de Arte Terapia, desenvolvida em uma clínica psiquiátrica em sua unidade de Transtorno Mental. A atividade de argila é conduzida uma vez por semana, com duração de 50 minutos, na sala de Trabalhos Manuais da Clínica, na qual os pacientes da unidade recebem um pedaço de argila e são convidados a interagirem com o material livremente. O material produzido é incentivado a ser discutido por eles nos grupos terapêuticos da clínica, reforçando uma análise simbólica. Assim, a experiência da atividade com argila produz um espaço em que se externaliza o vivido e a reflexão é potencializada, ao propor um diálogo da expressão inconsciente por meio da atividade de argila.

Palavras Chaves: Arte Terapia; Saúde Mental; Atividades Terapêuticas; Psicologia Analítica; Argila.

A experiência religiosa na interface entre Psicologia Analítica e literatura

Maiara Graziella Nardi

Nos escritos de Jung, a experiência religiosa está ligada ao inconsciente individual e coletivo. Exploraremos a interface entre Psicologia Analítica e literatura, por percebermos que a experiência religiosa ganha assim clareza. Segundo Jung, no paradoxo entre crer e conhecer, acreditar na ciência e dominá-la, o homem oscila, procurando uma finalidade; muitas vezes, apega-se a ritos ou a ideais fixados a partir da experiência religiosa, constituindo códigos morais que lhe dão aquela resposta final, impedindo, porém, sua liberdade e, principalmente, a possibilidade de angustiar-se. Assim, não está mais dirigido por uma vontade libertadora, mas por uma vontade filtrada por dogmas religiosos que tornam possível a explicação e domínio do que é desconhecido, isto é, inconsciente. Em “A Terceira Margem do Rio”, de Guimarães Rosa, o pai é marcado pela experiência religiosa originária experiência do Numinoso; o filho, por sua vez, mostra máxima ambiguidade: ao mesmo tempo, é a mais próxima repercussão da experiência inicial e fixa-a em repetições extrínsecas. Como os outros, não entende a partida do pai, mas escolhe estar na presença dele e ajudá-lo. Seu único pedido é ser acolhido; é o desejo do filho, que reforça o ritual de levar comida e manter-se próximo. Entre o originário e o rito que o fixa e perde, compararemos, brevemente, Jung e Rosa, como tentativa de esclarecimento inicial.

Palavras-chave: Psicologia Analítica; Experiência Religiosa; Literatura.

Para além de *Siegfried* ou uma correlação entre Jung e Spielrein acerca da esquizofrenia

Maíra Meira Nunes

O objetivo da presente comunicação é o de problematizar e explicitar aspectos da convergência entre as contribuições de Spielrein e de Jung na compreensão do fundamento simbólico e sua função na esquizofrenia. *Siegfried* (ou A Destruição Como Origem do Devir) é uma obra chave na compreensão das ideias pioneiras de Sabina Spielrein no campo da psicologia; as poucas referências à autora demonstram que ela não tivera as contribuições devidamente reconhecidas, sobretudo na concepção originária que anteciparia aspectos importantes na elaboração do conceito de pulsão de morte da psicanálise. Na psicologia analítica, mesmo sendo referenciada por Jung em algumas obras, sua relevância permaneceu relegada a nuances escusas, por razões explicitadas por Carotenuto e Cromberg. Nessa direção, observa-se que em seu ensaio intitulado “Sobre o Conteúdo Psicológico de um Caso de Esquizofrenia”, Spielrein realiza exposição e análise detalhadas acerca de um caso clínico que apoiam a concepção de caracteres originários evidenciados na esquizofrenia, tal qual Jung destaca no volume V das Obras Completas. Aqui se constata diretamente as bases da interlocução entre Jung e Spielrein cuja convergência de teses e ideias acerca da esquizofrenia termina por ampliar a compreensão acerca da referida psicopatologia. Cabe, portanto, discriminar no curso da comunicação, em que medida o discurso dos autores acerca do fundamento simbólico e sua função na esquizofrenia delineiam uma visão inovadora sobre essa patologia. A metodologia empregada é a análise e interpretação de fontes primárias que tratam sobre o assunto em questão.

Palavras-chave: Spielrein; Jung; Esquizofrenia; Símbolo; Psicopatologia.

O cavaleiro preso na armadura: uma jornada de individuação

Marcia Techy

Os contos de fadas, bem como as fábulas, são veículos preciosos para abordar a psicologia e as questões mais profundas e inconscientes do ser humano. Sendo assim, será utilizada a fábula O Cavaleiro Preso na Armadura para trabalhar um dos principais conceitos da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, o processo de individuação. Termo cunhado para designar a jornada do indivíduo rumo ao tornar-se quem ele é, um *individuum* psicológico, uma totalidade. Segundo Jung, o processo de individuação nada tem de individualismo, muito pelo contrário, é um processo que estimula o indivíduo criar condições para que cada um desperte o melhor de si. Utilizando desta literatura será analisado o processo do Cavaleiro rumo a essa busca de si mesmo, perpassando pelo confronto com a anima, com o desnudamento da persona e o confronto com seus aspectos sombrios. Uma busca individual, um novo tipo de cruzada, à qual o cavaleiro não estava acostumado. Para isso, precisou trilhar o caminho da verdade, passando pelo castelo do silêncio, pelo castelo do conhecimento, pelo castelo da vontade e da ousadia até chegar ao vértice da verdade, o seja, culminando em um ponto jamais atingido por ele, o completo desenvolvimento da sua personalidade, a integração do inconsciente à consciência. Enfim, assumiu sua própria condição humana, despido dos papéis que desempenhava, tornou-se realmente quem ele era.

Palavras-chave: Individuação; Persona; Si-Mesmo.

Os aspectos simbólicos da psique e o conceito de Numinoso

Marciel Ribeiro dos Santos
Angelita Viana Correa Scardua

O presente artigo é o resultado de uma pesquisa bibliográfica sobre o conceito de Numinoso como descrito na obra “O Sagrado”, de autoria do Teólogo alemão Rudof Otto, publicada originalmente em 1917. Para a elaboração deste artigo, a perspectiva teórica da Psicologia Analítica junguiana orientou a leitura e a análise das fontes pesquisadas. Tendo como objetivo principal esclarecer o conceito de numinoso e sua ligação simbólica com a psique, discorre-se por alguns conceitos fundamentais da teoria analítica como a função religiosa, o inconsciente individual e coletivo, os complexos e sua autonomia, o arquétipo do Sí-mesmo ou o Self e o processo de individuação. O Numinoso e seus aspectos não são uma exclusividade cristã, pois a busca por uma conexão com o divino é recorrente em todas as doutrinas religiosas, cada qual com seus rituais e dogmas. Sendo o ser humano o resultado de suas crenças, ou melhor, daquilo que ele acredita ser, a religiosidade e suas manifestações tendem a estarem presentes em toda a sua existência. Assim, pode-se perceber a influência da experiência religiosa na constituição psicológica daquilo que entendemos por ser humano. Em uma perspectiva junguiana, a tarefa de integrar os conteúdos psicológicos da experiência humana cabe ao Sí-mesmo, que atua como centro transcendente. Individualmente, de certa forma, o Sí-mesmo conduziria o ego para a individuação ou para ter a descoberta de si mesmo, coletivamente traria características arquetípicas míticas e simbólicas que fariam com que o indivíduo se reencontrasse com suas origens.

Palavras-chave: Numinoso; Psicologia Analítica; Si-mesmo; Individuação

Ego Junguiano - à Luz da Neuropsicologia

Matheus Valim Silva

Muitas das abordagens teóricas envolvidas com a psicologia começaram, nos últimos anos, um movimento de releitura de suas bases teóricas a partir dos conhecimentos trazidos pelos campos da neurociência devido aos grandes avanços teóricos e práticos que esse movimento traz. Dessa forma, o objetivo inicial desse trabalho não foi o de ressignificar os conceitos elaborados por Jung. Ao invés disso, foi realizar uma interlocução entre o conceito de Ego Junguiano e os conhecimentos da neuropsicologia, utilizando como metodologia a revisão bibliográfica e a comparação de literaturas que sustentam ambas as áreas, como livros, artigos e estudos de casos. Foi observado primeiramente se era possível um diálogo entre as áreas citadas e depois, se fosse possível/viável, realizada a aproximação entendendo a importância desse processo para o desenvolvimento e crescimento do conhecimento tanto para psicologia analítica, quanto para neuro. O que o trabalho mostrou foi que não só a interlocução era possível, mas que também existe um grau de similaridade muito alto entre a estrutura da personalidade organizada por Jung, especialmente o ego, e as bases neuropsicológicas. Jung descreveu e organizou toda a estrutura arquetípica deixando muito claro que era impossível pensar a psique sem o corpo e o corpo sem a psique. Sem cometer o erro de tentar reduzir toda teoria analítica apenas ao cérebro, é possível ver a nítida ligação entre o funcionamento do cérebro e funcionamento da psique, como no exemplo de casos de ecolalia, na qual, os pacientes ao sofrerem sérios danos na região pré-frontal do cérebro, perdem a capacidade consciente de pensarem e agirem por si próprias.

Palavras-chave: Neuropsicologia; Psicologia Analítica; Ego; Arquétipo.

Reflexões sobre a persona e a sombra em estudantes de Psicologia

Natalia Alves de Lins
Caetano Fischer Ranzi

O presente resumo e trabalho discorrem sobre as experiências e a maneira como o aluno de psicologia se comporta frente aos primeiros conflitos que se manifestam nele, relacionados à sua subjetividade e aos aspectos do inconsciente, decorrentes das experiências que o curso oferece. O objetivo do estudo é analisar como o acadêmico se apresenta à subjetividade e o medo que ele possui perante os seus conteúdos inconscientes, que por meio de projeções irradiam para o mundo a qual somos cercados. A metodologia empregada foi a utilização de referências bibliográficas e questionário semiestruturado com estudantes de Psicologia. A abordagem Analítica e os conceitos de Carl Gustav Jung foram o alicerce e o apoio utilizado durante as perguntas feitas em entrevista e o desenvolvimento da pesquisa. O estabelecimento dos arquétipos, da sombra, Si-mesmo, inconsciente coletivo e individuação, foram comumente mencionados no trabalho, visto que o aluno de psicologia reconhece primeiramente a sua sombra, quando confrontado por meio do curso; é convidado a conhecer o Si-mesmo e atraído para um processo que estará em constante movimento: a individuação. Os dados obtidos durante os procedimentos denotam que o sujeito que está cursando Psicologia sente-se conturbado com as propostas que o curso lhe fornece, em razão deste ser, além de educativo, um instigador dos processos existentes dentro dos sujeitos que estão a aprender. Todavia, este mesmo curso, proporciona aos acadêmicos vivacidade e renovação, através dos conflitos que passam a conviver consigo mesmos.

Palavras-chave: Subjetividade; Medo; Inconsciente; Arquétipos; Estudantes de Psicologia.

O Inominável: Um olhar sobre a Individuação no vazio

Pedro Henrique Alberton Perússolo
Michelle Marcon de Albuquerque Lima

Este trabalho tem por objetivo analisar através das bases propostas pela Psicologia Analítica o processo de individuação no livro *O Inominável*, de Samuel Beckett. O estudo proposto se dará por meio da investigação da obra e da personagem constituinte desta, que por sua vez, se estruturam respectivamente por um longo monólogo e uma voz neutra e anônima que vai para além do espaço e do tempo. Beckett utiliza-se fortemente de recursos pertencentes à filosofia da linguagem para estruturar seus questionamentos. Sendo assim, a individuação nessa obra se dá através do confronto realizado pelo personagem amorfo frente à sombra. Por meio de suas dúvidas cada vez mais urgentes e incapazes de serem respondidas, este acaba por tomar conhecimento que não há uma salvação divina ou qualquer outro subterfúgio capaz de proporcionar a dissolução dos complexos a não ser sua seu próprio movimento em direção à totalidade. O auto sacrifício proveniente do Processo de Individuação se evidencia através do desejo apresentado pela voz em evitar os caminhos que levam até o Self. Estes, por sua vez, são criados a partir da repetição de palavras e ressignificações mundanas atribuídas à sensações profundas, fator que acaba por distanciar o ser de sua caminhada em direção à integração. Uma vez que as personas se encontram implícitas, nota-se que o movimento egóico caminha em direção a uma inflação, onde a própria noção de inexistência faz com que se escape do processo integrativo pertencente a essa jornada.

Palavras-chave: Processo de Individuação; Samuel Beckett; Jung.

A força do homem em processo de individuação

Pricilla Buzzachera de Souza

Esse trabalho surge como uma possibilidade de reflexão acerca da tese do filósofo alemão F. Nietzsche sobre as forças e a vontade de poder e do processo de individuação do médico suíço C.G. Jung. Partimos do princípio que o autoconhecimento, o mais profundo acerca da relação entre o eu e o *Self/Si* mesmo, é o resultado da integração de vários elementos. Estes elementos quando assimilados e elaborados eclodem numa nova percepção de mundo. Trata-se de um processo longo, árduo e solitário. Porém, carrega em si a possibilidade de uma vida mais genuína, menos coletiva. Considerando a tipologia nietzscheana para o presente estudo, importa-nos o tipo de homem forte por se tratar de um tipo capaz de aceitar e enfrentar as adversidades, com uma consciência mais profunda acerca do Si mesmo. O tipo de homem forte se diferencia do coletivo justamente por reconhecer-se como um indivíduo. Está essencialmente no mundo, reconhece seu lugar na sociedade e, ao mesmo tempo em que tende a ser anônimo, dissemina seus valores e se torna um influenciador da força ativa. Sua capacidade de superação o impulsiona para a realização máxima de sua personalidade. É nesta perspectiva de análise que ocorre o desdobramento desse estudo.

Palavras chave: Individuação; Nietzsche; Self; Vontade de Poder.

Espiritualidade na arteterapia - os limites dos sentimentos no cuidado de quem cuida

Rachel de Castro Villar

Este trabalho objetiva analisar os desafios na excelência do acolhimento de menores em situação de vulnerabilidade, com ameaças à violação de seus direitos. A medida protetiva é aplicada quando há ação ou omissão da sociedade ou Estado, por abusos cometidos por pais ou responsáveis, ou quando a conduta dos próprios menores está em desacordo com as leis sociais. Os menores são afastados da convivência das famílias de origem e esperam a definição de sua custódia em “instituição de acolhimento”. A coordenação realizada por equipe técnica multidisciplinar de apoio atua em funções mais próximas. A função destas instituições é amparar os menores em suas necessidades básicas e nos cuidados para reinserção social. O serviço de proteção integral inclui moradia, alimentação, higiene, educação e lazer, e exige atuação profissional multidisciplinar. As equipes necessitam de equilíbrio emocional para lidar com estes menores. Em investigações realizadas, verificou-se a falta de organização dos sentimentos e dos limites de afetos dedicados. Escolheu-se a equipe de contato mais direto com os menores e foram aplicadas estratégias com recursos da arteterapia de abordagem junguiana, desenvolvendo a atenção plena para o autoconhecimento. O objetivo foi promover a plenitude para realização de trabalhos mais eficazes e a percepção da função da instituição. Oito participantes integraram as oficinas de desenhos com mandalas e conversas, em ambiente adequado na própria instituição. Os materiais utilizados foram desenhos de mandalas impressas em papel ofício, para livre escolha, lápis de colorir, e a coleta de dados se deu por meio de múltiplos diálogos in loco sobre as sensações daquele momento. O resultado ainda não é conclusivo, entretanto já foram observadas novas atitudes no desempenho das funções dos participantes da oficina. Os conceitos utilizados estão na literatura do sentido da vida, o potencial integrativo das mandalas enquanto arte, terapia e individuação, e a arteterapia no campo de conhecimento transdisciplinar.

Palavras-chave: Instituição de Acolhimento; Arteterapia; Mandalas; Processo De Individuação.

Saúde, Espiritualidade e Psicologia analítica

Samanta Forti
Carlos Augusto Serbena
Alessandro Antonio Scaduto
Alexsandra Massolini

A espiritualidade/religiosidade tem sido utilizada pela população para a busca de sentido na vida e/ou enfrentamento de crises, surgindo também correlações com a saúde física e biológica. Na área da saúde, há comprovações de que a espiritualidade/religiosidade tem implicações na melhoria de bem-estar geral, traz menores índices de depressão e ansiedade, menor prevalência de uso e abuso de substâncias psicoativas e comportamento suicida. Investigou-se a produção acadêmica em periódicos indexados nos portais *Scielo*, *Capes* e *Lilacs* sobre as relações entre a saúde, espiritualidade e Psicologia Analítica. Nas obras analisadas, a religião, enquanto manifestação psicológica ou experiência psíquica, é verificada em sua característica simbólica como arquetípica. A experiência religiosa e a experiência psicológica do *self* são indistinguíveis, uma vez que o arquétipo da imagem divina não se diferencia do arquétipo do *self*. Logo, a individuação exerceria papel fundamental na elaboração dos conteúdos provenientes da dinâmica consciente/inconsciente, sendo o constante envolvimento do indivíduo com os símbolos emergentes, a transformação sem cindir e negligenciar a polaridade física da espiritual um indicativo de saúde. Concluiu-se que a Psicologia Analítica trata o tema de forma não redutiva, no qual a atividade formadora de símbolos está ligada a uma ação mediadora, a uma tentativa de resolução entre opostos – movimento do inconsciente em direção à totalidade. No que diz respeito à produção científica, apesar de haver crescente interesse na área da espiritualidade/religiosidade e saúde, ainda há poucos estudos na Psicologia Analítica que abordam essa intersecção, sendo necessários mais estudos que preencham esta lacuna.

Palavras-chave: Espiritualidade; Religiosidade; Saúde; Psicologia Analítica.

Faça o que eu digo e não o que eu faço: Uma amplificação da peça Tartufo

Sara Regina Santana Basan Dias
Caetano Fischer Ranzi

O tema escolhido visa retratar padrões de comportamento que apresentam pessoas que vivem de uma forma, mas alardeiam às outras, regras diferentes para se seguir: “faça o que eu digo e não o que eu faço”. Através da peça de Molière, O Tartufo (1669), será apresentado à relação entre: Orgon e Tartufo. A peça será retratada como uma imagem de uma psique, sendo Orgon o ego e Tartufo seu complexo, revelando que a “hipocrisia” de alguém que dissimula pode iludir aquele que se considera o mais “infalível”. Com essa amplificação, é possível correlacionar a dinâmica entre um ego que se defende de um complexo, evidenciando que quanto mais se esconde um complexo, mais ele ganha força e quando ele consegue atingir o Ego, isso pode se tornar uma possessão, na psicologia analítica chamada de identificação, pois o complexo possui o Ego. Exemplificando, temos Orgon, o moralista que é autoritário, porém dá espaço para que o malandro Tartufo entre em sua vida, o possua, o inebrie e o leve a tomar decisões. Essa junção do moralista e do velhaco revela o tema da pesquisa, pois se cria uma imagem da relação deles, na qual o que se diz ser uma coisa, é outra. Após essa possessão, as mudanças no indivíduo podem ser grandes, como aquelas que acometem Orgon, o qual conseguiu se descobrir alguém mais humilde. A uniteralidade, que é tomar para si um só lado e não dar possibilidades para o diferente, nos incita para uma forçada união dos opostos.

Palavras-chave: Malandro; Moralista; Complexo, Possessão;

Facebook: o trauma entre as defesas arquetípicas e a repetição da projeção

Sérgio Alves da Silva

Francisca Rasche

Dados apontam que o Facebook possui 1,6 bilhões de usuários com 400 bilhões de fotos e 7,8 trilhões de mensagens enviadas. Com tantas impressões de projeções psíquicas, constata-se que grande parte dos usuários incorre no exagero de projeções. Inclusive, as repete sistematicamente, revelando assim um fenômeno que pode estar relacionado a um sofrimento psíquico. A partir dos conceitos de trauma e defesas arquetípicas abordados por Donald Kalsched, apresenta-se uma reflexão preliminar sobre a dinâmica do mundo interior representada no Facebook, um ambiente onde se encontram exemplos que os evidenciam. O conceito de defesas arquetípicas de Kalsched remete a uma função protetora no limiar entre o consciente e inconsciente, metabolizando as fortes correntes de afeto que atingem a psique em decorrência de uma experiência insuportável que causa uma ferida psíquica, que denota a noção de trauma. Em decorrência dessa dinâmica psíquica, cabe inferir que a repetição sistemática de projeções na rede social, ora em discussão, resulta de uma manifestação do mundo interior de romper as defesas arquetípicas na busca de encontrar uma encarnação no mundo real para o trauma. Uma vez reconhecida a necessidade de buscar o aprimoramento contínuo da psicologia analítica, aponta-se a rede social como um objeto de pesquisa valioso. As representações presentes na dinâmica de interação dos usuários com a rede podem ajudar a esclarecer ainda mais o funcionamento do sistema de autocuidado arquetípico.

Palavras-chave: Psicologia Analítica; Rede Social; Trauma Psíquico; Repetição; Projeção.

Uma análise Junguiana da “busca” e da vivência espiritual através de videntes

Suellen Tereza

Desde outrora, o fenômeno religião/espiritualidade é objeto de estudo da psicologia possuindo diversos teóricos a tecer explicações e/ou justificativas para o fenômeno. Tendo atuação de destaque, Carl Gustav Jung observou e pesquisou que a experiência religiosa é a possibilidade de o homem estar em contato com as dimensões íntimas de sua realidade psíquica, o inconsciente coletivo, e que a ausência da participação ativa na vivência dos símbolos pode ser o responsável por diversos sofrimentos da alma humana. Foi com essa perspectiva, somado as elucidações de James Hillman, que se buscou analisar, refletir e justificar os conteúdos simbólicos da “busca” e da vivência espiritual por meio de videntes. Este trabalho é resultado da disciplina denominada “produção do conhecimento” do curso de psicologia da faculdade Dom Bosco. A breve pesquisa de cunho qualitativo utilizou dos métodos de observação participante em duas visitas realizadas a videntes e de entrevista semiestruturada, via formulário Google, a vinte cinco pessoas. A recomendação necessária para participação junto ao preenchimento do formulário era de já ter tido experiências com videntes. Como resultado das observações e dos dados coletados por meio dos formulários, selecionou-se três categorias para análises de conteúdo. O que se conclui é que o fenômeno observado revela a forte necessidade da vivência da alma e, diante a demanda observada a esses serviços, revela também um movimento coletivo de busca por essas práticas. Com isso, convida os profissionais de psicologia refletir e repensar suas atuações junto à necessidade humana do irracional e da vivência dos símbolos.

Palavras-chave: Jung; Espiritualidade; Símbolos; Inconsciente Coletivo; Ritos.

Considerações sobre a mitologia na perspectiva da Psicologia Analítica diante do sofrimento de profissionais de saúde.

Talita Rodrigues Luterek

Jéssica Caroline dos Santos

O objetivo do presente trabalho é associar o mito de medusa com a vivência de profissionais da área da saúde diante o sofrimento e a morte nas unidades de terapia intensiva. Para tanto, será utilizado uma revisão bibliográfica dos principais textos da Psicologia Analítica que retratam a mitologia e suas correlações com o sofrimento do profissional da saúde. Segundo a mitologia grega, Medusa era sacerdotisa de Atena e após uma punição passa a petrificar aqueles que a olham. Desse modo, observamos que os profissionais de saúde, diante a dificuldade de lidar com sofrimento dos pacientes aos quais existe um envolvimento afetivo, acabam se tornando técnicos e indiferentes. Esse processo é um mecanismo de defesa, acabam se petrificando diante aquilo que não conseguem trabalhar internamente. Entretanto, a falta de cuidado e humanismo pode impactar diretamente no sentimento de bem-estar daqueles que estão passando pelo processo do adoecimento. Sabemos que Medusa é morta por Perseu, que recebe as sandálias aladas de Hermes, o elmo da invisibilidade de Hades, e uma espada e um escudo espelhado de Atena. Perseu decapita a Medusa olhando seu reflexo através do escudo espelhado. Ele passa a usar sua cabeça como um escudo protetor e de sua morte nascem o cavalo alado Pégaso e o gigante dourado Crisaor, sendo Pégaso o símbolo da criatividade. A grande questão, na prática é: como é que se mata a Medusa dentro das instituições hospitalares?

Palavras chaves: Psicologia Analítica; Mitologia; Profissionais de Saúde

Grupo vivencial de sonhos como processo ritual à luz da Psicologia Analítica

Vicente Baron Mussi
Carlos Augusto Serbena

A sociedade contemporânea apresenta um esvaziamento do aspecto ritual como tradicionalmente concebido, promovendo perda de sentido na passagem de etapas da vida. Existem tentativas de recuperação dessa significação através de rituais ditos pós-modernos. O trabalho em grupos vivenciais com sonhos é uma possibilidade de recuperar a dimensão simbólica do ritual, ao permitir que o sujeito entre em contato com as imagens inconscientes em um espaço protegido e continente. O objetivo desse trabalho foi relacionar a experiência da vivência das imagens oníricas no contexto grupal com o processo ritual segundo a Psicologia Analítica. É um estudo descritivo-exploratório de caráter qualitativo. Os dados coletados foram gravações, com posterior transcrição, de entrevistas iniciais e finais de participantes de três grupos, realizados em 2015 e 2016, além do relatório dos encontros. A forma de organização e tratamento dos dados foi a Análise Temática de Laurence Bardin. Os resultados apontam que o grupo de sonhos se estrutura de maneira análoga ao processo ritual descrito pelo antropólogo Victor Turner. O modelo foi analisado a partir da Psicologia Analítica e três etapas foram identificadas: Momento inicial, Momento liminar e Retorno à vida cotidiana. O primeiro momento é ainda enquanto o sujeito está inserido na realidade cotidiana. O segundo é o período em que o sujeito entra em contato com as imagens inconscientes e é transformado. O terceiro é o retorno do sujeito modificado para a realidade cotidiana. A principal transformação observada foi a recuperação da dimensão simbólica da existência, ancorada pelo trabalho grupal com os sonhos.

Palavras-chave: Psicologia Analítica; Ritual; Liminaridade; Sonhos; Grupo.

ÍNDICE DE RESUMOS POR ORDEM ALFABÉTICA DO TÍTULO

A alma ancestral brasileira representada por Macunaíma, o herói sem nenhum caráter	79
A alma do Oráculo virtual na cultura ocidental	69
A Alquimia da Doença	67
A areia como fundação da psique e conteúdo central do sandplay	62
A experiência religiosa na interface entre Psicologia Analítica e literatura	83
A Jornada do Herói nos Sonhos a partir de Grupos Vivenciais	57
A paternidade em casais homoafetivos: uma visão Junguiana	65
A visão de Carl Jung sobre psicoterapia de grupos	50
Análise onírica como recurso para atendimento psicológico ao paciente com câncer	72
Atividade de argila como dispositivo terapêutico em Saúde Mental: relato de experiência da arte terapia em um clínica psiquiátrica	82
Complexo cultural – uma revisão de literatura	59
Comportamento alimentar e fatores emocionais em paciente pós-cirurgia bariátrica	60
Diálogo entre a Literatura e a Psicologia Junguiana	44
Ego junguiano - A luz da neuropsicologia	87
Espiritualidade na arteterapia - os limites dos sentimentos no cuidado de quem cuida	91
Faça o que eu digo e não o que eu faço: Uma amplificação da peça tartufo	93
Fatores de risco, fatores de proteção e fatores de resiliência ao longo da vida	24
Grupo de apoio psicológico a mulheres obesas sob a perspectiva analítica	61
Grupo vivencial de imagens oníricas em seminaristas a partir da psicologia analítica	48
Grupo vivencial de sonhos com mulheres idosas no núcleo de convivência comunitária de Pinhais	55
Influências da Individuação e da Sombra para a dissolução de uma Persona Inflada	58
Jornada do Herói no Processo de Individuação e do Transplante de Células-Tronco Hematopoiéticas	39
Jung no espaço acadêmico: um mapeamento da produção com referencial teórico junguiano	63
Metafísica, metapsicologia e o campo junguiano	18
O arquétipo da criança divina em Teresa de Lisieux: imaginação ativa e individuação	80
O aspecto manipulador no dependente químico - A visão da psicologia analítica através do <i>Trickster</i>	74

O Bando do Chapéu de Palha: uma amplificação do mangá “ <i>One Piece</i> ”	49
O cavaleiro preso na armadura: uma jornada de individuação	85
O desafio heroico e a adaptação no tratamento hemodialítico	81
O Inominável: Um olhar sobre a individuação no vazio	89
O labirinto de Dalí: um olhar sobre a metanoia	56
O Oriente na construção do saber Psicológico Analítico: uma análise parcial	76
O rapto de Perséfone e o início do processo clínico analítico	75
O símbolo da cruz e a individuação - Diálogo entre teologia e psicologia analítica	47
O Suicídio e a Clínica das Imagens	70
O Tempo: Chronos, Kairós, Aion	53
O Transtorno Depressivo e a Psicologia Analítica	68
O uso de recursos expressivos e mitológicos na compreensão da clínica junguiana	51
O uso do MBTI na Compreensão Tipológica de mulheres obesas	32
Os aspectos simbólicos da psique e o conceito de Numinoso	86
Para além de Siegfried ou uma correlação entre Jung e Spielrein acerca da esquizofrenia	84
Psicologia E Espiritualidade: A Depressão Como Tarefa Psíquica E Espiritual	26
Psicopatologia na adolescência: contribuições à luz da psicologia analítica	66
Psicoterapeuta: sem uniforme nem avental	78
Reflexões sobre a persona e a sombra em estudantes de Psicologia	88
Reflexões sobre a Psicologia Analítica no contexto da Psiquiatria moderna e na contemporaneidade	64
Resiliência em crianças	13
Saúde, Espiritualidade e Psicologia Analítica	92
Sonhos recorrentes, complexos e o grupo vivencial	54
Técnicas expressivas no ambiente hospitalar, num olhar analítico: a caixa de ícones simbólica	52
Transição de menina a mulher mitos e contos	73
Um boneco de pau ganhando vida: o recurso desenho no atendimento psicológico a criança	77
Uma compreensão dos transtornos alimentares sob o viés da Psicologia Analítica	58